



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MICHEL LUIS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGBTQIA+ NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

MICHEL LUIS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”:
UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGBTQIA+ NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C325p

Carvalho, Michel Luis Tavares de.

“Pedagogia do armário” : um estudo sobre a experiência dos estudantes LGBTQIA+ na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB / Michel Luis Tavares de Carvalho. - 2023.

62 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira.

1. Homofobia - São Francisco do Conde (BA). 2. Homossexualidade e Educação - São Francisco do Conde (BA). 3. Movimento LGBTQIAP+. 4. Unilab - Estudantes. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 306.4308142

MICHEL LUIS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGBTQIA+ NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, sediado no Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Data de aprovação: 25/01/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Tavares (Mento) e Miguel Carvalho (Zezy) por tudo que fizeram pela família. A família sempre em primeiro lugar, por acreditarem em mim, pelo incentivo, pela criação, pelos ensinamentos, pelos conselhos, pelas experiências, por serem um exemplo para mim, por me ensinarem a nunca desistir, pelas bênçãos, por fazerem eu acreditar e lutar pelos meus objetivos e meus sonhos sempre, mãe e pai vocês são a minha maior inspiração. Minha heroína e o meu herói.

As minhas irmãs Diva Carvalho e Dairine Carvalho que sempre foram e continuam sendo as minhas inspirações, tenho muito orgulho de vocês e de ser irmão das duas, sempre me incentivaram a estudar e me ajudaram sempre que eu precisava, por isso dedico este trabalho a todos/as vocês com muito orgulho e gratidão, sempre quis seguir os passos de vocês para orgulhar a família. Aos meus irmãos Nuno Carvalho e Vadcksson Carvalho pelas experiências e pelos momentos muito bons que passamos juntos e por sempre me falarem para estudar e que eu ia ser tudo que eu quisesse ser, estar no topo do mundo.

Aos/as meus/minhas sobrinhos/as Bruno, Kauê, Ellen, Núria, Miguel e Ellena pela vontade, desejo de querer ser um tio atencioso, carinhoso, e de querer ser um exemplo para vocês e que tenham orgulho de mim. Amo cada um/a como se fossem meus/minhas filhos/as, porque é dessa forma que eu considero vocês.

A minha madrinha Felisberta Carvalho e ao meu padrinho Lourenço Tavares e a todos os amigos e amigas que sempre estiveram comigo longe ou perto mas que sempre acreditaram em mim. Os de verdade sabem quem são!

Dja sta bom di txorus i lamentus
nkre karrega pesos di bons sentimentus,
na nós nu dexa mas alegria du ki tristeza...
Nta didica nha sucessu a tudu nhos e a mi mesmu!!
Nha iternu gratidon!!!

AGRADECIMENTOS

As trajetórias e os caminhos percorridos foram sempre marcados por pessoas incríveis, lugares maravilhosos e guardo todos os melhores momentos e as melhores pessoas em minhas lembranças, no qual ficarão eternizadas. Agradeço aos/às Deuses e Deusas, aos ancestrais que abriram os meus caminhos, por todas as bênçãos, pela proteção, pelas conquistas e por tudo que alcancei até aqui.

Minha força, minha base, meu apoio, minha inspiração, minha maior riqueza são as mulheres que tenho em minha vida e no meu coração, grandes, maravilhosas, poderosas, guerreiras, Deusas e mesmo com o alfabeto inteiro ainda assim faltaria letras, palavras, definições para descrevê-las Maria Tavares, Diva Carvalho e Dairine Carvalho, enfim só agradecê-las.

Gratidão aos meus pais Maria Tavares e Miguel Carvalho por tudo, pela base que são para para a família que construíram juntos, obrigado por acreditarem em mim e pelo orgulho que sentem de mim, pela confiança e pelo amor incondicional; agradeço as minhas irmãs Diva e Dairine por me ajudarem, pelo incentivo de correr atrás dos meus objetivos e sonhos, obrigado por estarem sempre puxando a minha orelha, pelos conselhos, conhecimentos e pelas companhias; agradeço aos/as meus/minhas sobrinhos/as Bruno, Kauê, Ellen, Núria, Miguel e Ellena. Obrigado a todos/as vocês, são a minha força, a minha vontade de sempre continuar em busca dos meus sonhos e objetivos, obrigado por me ensinarem que na vida não podemos desistir em nenhum momento. Insistir e persistir sempre!

Agradeço a todos/as os/as professores/as da UNILAB pelos ensinamentos e pelas trocas ao longo desses anos. Agradeço o professor Marlon e a professora Caterina pelo incentivo de eu continuar o projeto e pela pessoa incrível que vocês são e especialmente à minha orientadora Lia Dias Laranjeira que desde de BIH aceitou trilhar esse caminho comigo, minha eterna gratidão.

Agradeço as amigadas que a UNILAB me deu, Walter, Denilson, Jair, Paulo, Marcos, Beatriz, Luciana, Nilton, Eduardo, Mamadû, Iuri, Gisele, Jacica, Tainara, Taiane, Dinho, Husani, Anderson, Emanuel, Iliassa, Sândila, Cidalia, Vanessa, Laura, Lauro e Aua, obrigado pelos momentos e pela amizade. Agradeço aos/as entrevistados/as pelos relatos.

Agradeço a UNILAB pela oportunidade e por proporcionar momentos e conhecimentos que ficarão para sempre na minha memória. Foi difícil mas cheguei até aqui com o sentimento de dever cumprido, fim de um ciclo e começo de outros que virão.

Agradeço a mim mesmo por não desistir, por superar os momentos menos bons e tantas outras coisas, agradeço a mim mesmo por ser forte e ter dado o melhor de mim para chegar até aqui e que venham mais conquistas.

Quero o tudo e o nada

Quero o mundo e a estrelas

Todos os universos

Olhar o brilho no fundo do abismo

Explorar os versos unidos

Aqueles mais escondidos

Que ninguém tem coragem de mostrar ao mundo

Aqueles nunca antes revelados

Quero desafiar o tempo

Correr para alcançar o tempo

Tentar recuperar o tempo

Ultrapassar o tempo

Acreditar no impossível e fazer o possível

Quero a atenção de um ser invisível

Hoje será sempre a melhor versão de mim

Vivo vivendo e voando para perto de mim

Me eternizando no tempo sem fim.

Nu brilha mas ki sol pa nu ilumina universu i tudu 4 kantu di mundo! Sima xuxu!

Michel Luis Tavares de Carvalho

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa os grupos LGBTQIA+ dentro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, com o objetivo de compreender as experiências desses estudantes na universidade, suas vivências e desafios, assim como suas ações levadas a cabo em *prol* de uma maior visibilidade, inclusão e garantia dos seus direitos dentro dos *campi* da Bahia e do Ceará. Para tanto, a pesquisa se debruçou sobre as narrativas de 4 estudantes, entrevistados/as no âmbito do estudo. O trabalho aborda a “Pedagogia do Armário”, presente na universidade que faz com que estudantes LGBTQIA+ mantenham uma performance heteronormativa em decorrência do medo provocado pelas violências contra os seus corpos, abusos, opressão, e exclusão que esse grupo sofre, muitas vezes, dentro da universidade.

Palavras-chave: homofobia - São Francisco do Conde (BA); homossexualidade e educação - São Francisco do Conde (BA); movimento LGBTQIAP+; Unilab - estudantes.

ABSTRACT

The object of this research is the LGBTQIA+ groups within the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony - UNILAB (Brazil), aiming to understand the experiences of these students at the university, their livingness and challenges, as well as their actions taken towards greater visibility, inclusion and guarantee of their rights on university's campuses at Bahia and Ceará. To this end, the research focused on the narratives of four students, interviewed as part of the study. The work addresses the "Pedagogy of the Closet" or "Pedagogy of Coming Out", present in the university, which causes LGBTQIA+ students to maintain an heteronormative performance as a result of the fear provoked by the violence against their bodies, abuse, oppression, and exclusion that this group often suffers within the university.

Keywords: homophobia - São Francisco do Conde (BA); homosexuality and education - São Francisco do Conde (BA); LGBTQIAP+ movement; Unilab - students.

RIZUMU

Kel trabadju li tem komu objetu di piskiza grupus LGBTQIA+ dentu di Universidadi di Integrason Internacional di Lusofonia Afru-brasilera - UNILAB, ku objetivu di komprende kes xpiriencias di studantis LGBTs na universidadi, ses vivencias i desafiu alem di ses ason pa um visibilidadadi mas txeu, ku incluzon i garatia di ses direitus dentu di campus di Bahia ku Ceará. Purtantu piskiza li ta dibrusa sobri rilatus di 4 studantis, intrivistadus na ambitu di studu. Trabadju tá aborda “Pedagogia di Armáriu” ki sta prisenti na universidadi ki tá fazi studantis LGBTQIA+ manti um performanci heteronormatividadi na dicorrenca di medu kes ta xinti pamodi violências contra ses korpus, abusos, opresson i excluson ki kel grupu li tá sufri txeu bez dentu di universidadi.

Palavras-chávis: armáriu; LGBTs; padron heteronormativu; Unilab; xpirências.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIH - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

DCE - Diretório Central dos Estudantes.

FEMPOS - Grupo de Pesquisa Feminismos, Pós-Colonialismos e Epistemologias Anti-Hegemônicas – Unilab.

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero.

LGBTT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero e Transexuais.

LGBTI - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e Intersex.

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais.

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

PFDC - Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão.

MPF - Ministério Público Federal.

RU - Restaurante Universitário.

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CAMINHOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO TEÓRICA	18
2.1	ASPECTOS METODOLÓGICOS	19
2.2	DISCUSSÃO TEÓRICA	23
2.2.1	A “pedagogia do armário” e os espaços educativos	23
2.2.2	Interseccionalidade e o debate LGBTQIA+ no continente africano	29
3	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
3.1	A UNILAB FRENTE ÀS QUESTÕES LGBTQIA+	34
3.2	EXPERIÊNCIAS DE “SAIR DO ARMÁRIO” DENTRO E FORA DA UNILAB	37
3.3	CURRÍCULO E AÇÕES VOLTADAS PARA QUESTÕES LGBTQI+ NA UNIVERSIDADE	42
3.4	DESAFIOS NA CONVIVÊNCIA DENTRO DA UNIVERSIDADE: SAIR OU NÃO DO “ARMÁRIO”	47
3.5	EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DURANTE A FORMAÇÃO NA UNILAB	52
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Na minha experiência de vida em Achada São Filipe, zona localizada ao norte da cidade de Praia, em Cabo Verde, aprendi que os relacionamentos amorosos e sexuais dentro do padrão, eram aqueles vivenciados entre pessoas de sexo diferente. Quando estudava no ensino fundamental, em Cabo Verde, presenciei várias situações de preconceito, homofobia, dentre outros problemas relacionados à presença de estudantes dissidentes sexuais no espaço escolar. À época, percebia que esses problemas eram sempre provocados por homens cisgêneros e seguidores de uma ordem sexual que compreendi depois como sendo heteronormativa. Portanto, homens e mulheres são ensinados/as a agir e a ter um comportamento que se identifica com o seu sexo biológico e estão adequados ao padrão social da heterossexualidade como norma (DE JESUS, 2012).

Além desse padrão no contexto amoroso e sexual, os meninos não podiam brincar com as meninas, nem as meninas deviam brincar com os meninos. Os meninos não podiam brincar com boneca ou com qualquer tipo de brincadeira, supostamente, “destinada” às meninas, e as meninas não podiam brincar com brinquedos e nem com as brincadeiras que eram “destinados” aos meninos. Seguindo este padrão social, muito semelhante em diversas outras sociedades, acreditava-se que só devia existir homens e mulheres heterossexuais.

Na minha infância e adolescência na cidade de Praia só andava com amigos héteros e presenciava e vivenciava problemas relacionados à intolerância e à violência contra a população dissidente sexual e de gênero. Comecei a praticar homofobia ainda na infância, nomeando as pessoas que não seguiam o padrão heteronormativo com termos pejorativos, como: bixa, viado, mulherzinha, dentre outros, e lembro de já ter jogado pedras contra as mesmas. Em Cabo Verde, muitas vezes, as pessoas fazem a reprodução dos termos pejorativos em língua crioula, como: panulerus, paninas, patxitxas, mudjerinhas, dentre outros. Embora esses termos sejam, normalmente, direcionados aos rapazes, também envolve as mulheres dissidentes sexuais.

Após as diversas experiências de preconceito, racismo e perseguição, fui dando espaço para me aproximar, conhecer e conviver com jovens que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo. Com essa aproximação, entendi que antes estava praticando homofobia. Compreendi na prática como a sociedade nos coloca dentro de um padrão heteronormativo, no qual as diversidades de gênero e orientações sexuais são vistas como algo ruim, fora do normal.

No mesmo período, em 2011, quando estudava na Escola Secundária Constantino Semedo, em Achada São Filipe, fui percebendo que podia ter amigos com identidade LGBT e que eram pessoas normais, que tinham sentimentos, prazeres e vontades que a sociedade não

via como sendo algo normal. Nessas convivências, senti um pouco daquilo que elas/es sentiam — os abusos, perseguições, discriminações e preconceitos que os levam a não serem respeitados pelos colegas na sala de aula e nem na rua. Essa percepção, além de ser um aprendizado, também foi um problema para mim. De certo modo, já imaginava que eu ia sofrer essas ações de preconceito só pelo fato de estar perto e de ser amigo de colegas LGBTs. Por outro lado, também sabia que não seria o alvo principal dessas ações homofóbicas e não viveria as mesmas violências que os/as meus/minhas amigos/as. Essas ações que acontecem no âmbito da construção social heteronormativa, com regras, normas e uma ordem social construídas dentro desse padrão hétero e cisgênero.

Apesar da minha vivência pessoal com atitudes preconceituosas contra pessoas LGBTs, em casa, minha mãe nunca dividiu as tarefas do tipo “as meninas fazem isso e os meninos fazem aquilo”. Pelo contrário, sempre colocou todos para fazerem as mesmas atividades e a cada dia era uma pessoa que fazia as tarefas de casa, como: lavar louça, roupa, limpar a casa e cozinhar. Todos/as tínhamos que fazer essas atividades e ela também não impedia os meninos de brincar com boneca e nem de brincar de qualquer brincadeira considerada “de menina”. Meu pai também não era diferente. Mesmo que às vezes falassem alguma coisa preconceituosa acerca dos dissidentes sexuais ou me proibissem de fazer algo que supostamente fugisse do padrão de gênero, como passar esmalte em uma unha da mão, algo que eu sempre gostei e que para mim não tinha nada a ver com a sexualidade, mas que para eles é algo somente para mulheres, entendia e entendo eles. A partir das vivências que tiveram, da construção deles, de certa forma é difícil mesmo lidar com outro conhecimento e outras formas de viver a sexualidade e o gênero para além do que já se conhece/sabe ou foi moldado/construído pela sociedade por séculos.

Essa relativa abertura para sair dos padrões de gênero dentro de casa tem ressonância no meu interesse pelo presente tema de pesquisa e pela minha experiência enquanto estudante da UNILAB. Ao ingressar na universidade, observei que havia pouco espaço para se abordar as tensões e os problemas vividos pelos estudantes LGBTs dentro da própria universidade. Muitas vezes, percebi que a comunidade acadêmica, portanto, professores/as, estudantes/as e funcionários/as, não vê a universidade como um espaço também dos estudantes LGBTQIA+ e discrimina-os, assim como os que dão apoio aos mesmos. Os apoiadores, em cujo grupo me incluo, muitas vezes, são automaticamente vistos como uma pessoa com uma identidade LGBT, como se isso fosse uma coisa ruim.

O Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB-Malês, *locus* da investigação, localiza-se na cidade de São Francisco do Conde, na região do Recôncavo Baiano. O campus foi inaugurado em 2014 e segue os

princípios da UNILAB de cooperação solidária e em parceria com os países de língua oficial portuguesa, visando o desenvolvimento econômico, político e social da CPLP e a formação de cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado. No Campus dos Malês funciona o Instituto de Humanidades e Letras com estudantes dos PALOP e do Brasil.

Em diálogos informais e depois com a realização das entrevistas com estudantes LGBTQIA+ da UNILAB, identifiquei relatos sobre uma série de ações dentro da universidade que dialogam com a noção de “pedagogia do armário”, discutidas nas produções de José Aelson da Silva Júnior (2018), Leonardo Senna (2015) e Rogério Diniz Junqueira (2012, 2014, 2015). Embora essa pedagogia esteja pautada em um currículo que reforça a heteronormatividade, ela é propagada também nos espaços escolares, nas relações de poder, nas normas de comportamento, nos conteúdos e nas práticas pedagógicas (JUNQUEIRA, 2013). Na percepção de parte dos estudantes LGBTs com os quais conversei, se faz presente no repertório de muitos/as integrantes da comunidade acadêmica, uma heteronormatividade muito violenta, imposta fora e dentro da universidade, como veremos no capítulo 3.

Enquanto Silva Júnior (2018), trata da “pedagogia do armário” ao discutir identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais, Leonardo Senna (2015), em colaboração com as Colunas Tortas (2015), utiliza-se desta noção para tratar do rompimento da heteronormatividade. Já Junqueira (2013) aborda a “pedagogia do armário” ao investigar a relação entre educação escolar, avaliações educacionais e direitos humanos, com ênfase nos temas do direito à educação, diversidade, direito à diferença, deficiência, gênero, sexualidade, racismo e cotidiano escolar.

O conceito de “pedagogia do armário”, sob a perspectiva dos autores, relaciona-se diretamente às pessoas de identidades LGBTs. O “armário” representa um tipo de capa, de proteção perante a sociedade, onde a partir das experiências de vida que eles/as já tiveram, pela observação do que pode acontecer caso assumam suas identidades não moldadas naquilo que a sociedade construiu como norma. O “armário” também pode simplesmente representar o medo perante uma sociedade construída tendo como base a heteronormatividade. Tudo isso se relaciona e provoca uma dificuldade de expor sua identidade socialmente, guardando-a no armário, e assumindo uma identidade “hétero-forjada” perante a sociedade (JUNQUEIRA, 2013).

Dessa forma, na “pedagogia do armário” em exercício se desconsidera a existência de pessoas LGBTs por não estarem nos padrões normativos da sociedade, contribuindo com a reprodução e a sustentação da existência de uma sexualidade heteronormativa. Como consequência, as pessoas que não estão dentro dessa normatividade acabam muitas vezes se

sentindo excluídas, perseguidas, e sofrem violências, chegando muitas vezes a serem vítimas de homicídio em decorrência da homofobia. Isso faz com que muitos/as LGBTs por receios diversos não queiram ser identificados como tal, mantendo assim essa identidade escondida para a sociedade de maneira geral. E quando isso acontece, muitas vezes, a pessoa fica ouvindo discursos como: ‘a pessoa está no armário’, ‘saia do armário!’ (JUNQUEIRA, 2015). “Sair do armário”, neste caso, significa viver a própria identidade de forma livre e autônoma, saindo também do lugar de subalternização.

Muitas vezes, essas identidades são colocadas de lado, são excluídas no espaço acadêmico, o que acaba gerando conflitos e divergências. A partir de observações no cotidiano da UNILAB, percebi que os estudantes LGBTs passam, frequentemente, por exclusões sociais. No ano de 2019, por exemplo, a universidade lançou o Edital 29/2019 beneficiando a entrada de estudantes transgêneros e intersexuais. Na sequência, os possíveis candidatos viram seus direitos de frequentar uma universidade pública sendo negado, por conta do cancelamento do edital por parte da Reitoria.

O referido edital além de servir como possibilidade de entrada à universidade de um público historicamente excluído do espaço escolar, acadêmico e profissional, também propiciou uma maior visibilidade destes problemas no espaço da UNILAB. Nesta ocasião, parte dos estudantes LGBTs se organizaram em uma ocupação simbólica como tentativa de reabertura do edital. Esse movimento atraiu o meu interesse pelo fato destes estudantes terem organizado uma série de atividades sobre a temática LGBT, dos quais tive a oportunidade de participar e de dialogar com os/as integrantes do grupo que estiveram à frente da ocupação.

Ressalto que a UNILAB, diferente da maior parte dos cursos de graduação de universidades públicas, da área de humanas, oferece disciplinas voltadas para questões de gênero, raça e sexualidade. Nesta pesquisa, parto do princípio de que deve ser considerada a interseccionalidade das identidades sociais, na qual se cruzam diferentes esferas de opressão, como o racismo, o sexismo, a homofobia, a transfobia, o classismo, dentre outras. A partir da perspectiva teórica da interseccionalidade, difundida por Angela Davis (2016), dentre outras intelectuais ligadas ao feminismo negro, a experiência como estudante da UNILAB de um homem ou uma mulher negro/a, pobre e LGBT perpassa necessariamente por questões como racismo, machismo, classismo, xenofobia e LGBTfobia de maneira relacional. Essas questões serão discutidas na pesquisa no sentido de melhor compreender o lugar dessas identidades na constituição do ser/indivíduo e das suas experiências no contexto da universidade. Considero também que muito do que acontece no espaço escolar e acadêmico é um reflexo do que é colocado como modelo pelo capitalismo e pelo eurocentrismo. Portanto, de que as normas de

comportamento e de corpo devem seguir as balizas do homem branco, heterossexual e cristão (LOURO, 2000).

2 CAMINHOS DA PESQUISA E DISCUSSÃO TEÓRICA

Em uma pesquisa preliminar sobre os trabalhos de conclusão de curso produzidos nos diferentes cursos de Ciências Humanas da UNILAB, presentes no repositório digital desta universidade, constatei que os temas relacionados à homossexualidade, aos movimentos LGBTQIA+¹ e à homofobia referem-se a outros espaços, não incluindo o ambiente universitário. Por mais que tenham autores que discutam sobre a “pedagogia do armário”, como Junqueira (2013; 2014) e Júnior (2018), esses estudos não são direcionados para as universidades, mas sim aos ambientes escolares. Nas minhas pesquisas e observações dentro e fora da universidade, percebi que existia um descaso sobre esse tema relacionado ao ambiente universitário.

A convivência com colegas LGBTs, a observação dos problemas vividos por eles, dentre eles a presença de uma “pedagogia do armário” no espaço da UNILAB, além do grupo de pesquisa “Pós-colonialidade, Feminismo e Epistemologias Anti-hegemônicas/FEMPOS/UNILAB” que faz discussões e estuda temáticas voltadas para questões do grupo LGBTQIA+ na universidade e, em especial, no contexto africano, contribuíram para a escolha do tema do meu projeto. Além disso, com a realização deste estudo, tenho como possibilidade realizar futuramente uma pesquisa comparativa com universidades de Cabo Verde.

Um estudo sobre esta temática é bastante importante também por possibilitar a construção de debates voltados para as experiências de estudantes LGBTs na universidade, e como consequência, propiciar a desconstrução e libertação das amarras sociais Wendel Souza SANTOS (2014), ou seja, de fugir/escapar desse sistema de poder baseadas nas normas, regras viáveis da construção social heteronormativa e também dos preconceitos praticados pela comunidade acadêmica.

Os/as autores/as Junqueira (2014), Júnior (2018), Elían (2013), Louro (2000), dentre outros, abordam as temáticas da “pedagogia do armário”, heteronormatividade,

¹ Cada letra da sigla LGBTQIA+, contempla um grupo específico, no qual, cada um tem as suas agendas e demandas, levando também em consideração as realidades sociais, diferentes. LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais.

homossexualidade, pedagogias da sexualidade e homofobia voltadas para o ambiente escolar. Esses estudos discutem a negligente desconsideração das instituições de ensino quando se trata de questões LGBTs, considerando o patriarcado que estrutura a sociedade brasileira e a partir do qual não se respeita as diversidades de identidades, sexualidades e gêneros.

No Campus dos Malês se percebe a existência de vários tipos de preconceito e discriminação, que inclui também a xenofobia. As questões LGBTs e a homofobia, no entanto, são pouco debatidas na UNILAB de forma mais ampla, tendo espaço em alguns componentes de cursos, como o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, e as licenciaturas em Ciências Sociais e Pedagogia. Cito como exemplo, os componentes: Processos Educativos e Construção de Identidades: Raça/Etnia, Classe, Gênero e Sexualidade; Educação e Relações Étnico-Raciais; Gênero, Raça e Sexualidade nas Ciências Sociais. Os problemas vivenciados pelos estudantes LGBTs, no entanto, ficam muito mais restritos a um compartilhamento entre os próprios, e mesmo assim, não envolve a sua totalidade.

Além disso, a pesquisa tem como proposta trazer à tona a “pedagogia do armário”, dando mais visibilidade a essa temática e às experiências de estudantes que são, muitas vezes, ignoradas, marginalizadas e perseguidas dentro e fora do ambiente acadêmico. Dessa forma, os resultados da pesquisa pretendem propiciar espaços de diálogo e discussão sobre o tema de forma mais ampla e geral, com a participação de professores, estudantes e técnicos, no intuito de atingir e sensibilizar a comunidade acadêmica como um todo. A proposta desses espaços de diálogo também é multiplicar as ações que propiciem o aprofundamento das aproximações e das trocas de experiências, onde seja possível se colocar no lugar do outro, dando espaço para as diferenças.

Em síntese, a monografia, pretende compreender as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB, Campus da Bahia e do Ceará, nas quais estão inseridas vivências de sofrimento, invisibilidade e preconceito no espaço acadêmico, mas também estratégias elaboradas pelos mesmos para “sair do armário”, para a construção de espaços de afeto e para se organizarem politicamente no contexto da universidade.

2.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A monografia se insere nos desígnios do paradigma qualitativo de pesquisa, o qual teve o seu surgimento no final do século XIX, em decorrência da denúncia e, de certo modo, da renúncia do reducionismo positivista pela sua tendência quantitativa no estudo dos fenômenos

naturais bem como pela transferência dessa perspectiva metodológica para o que entendia por Ciências Sociais no final do século XIX. (GAMBOA, 2003).

Particularmente, a escolha por essa abordagem de pesquisa se deu em diligência ao caráter do objeto em estudo. Também foi considerado os seus pressupostos teóricos e metodológicos, nomeadamente os quais realçam que os fenômenos sociais precisam ser estudados em seu acontecer afetivo e dinâmico, portanto, tomados como um caso específico em que se advoga pela flexibilidade técnica e diversidade de métodos (AIRES, 2011).

No que tange aos procedimentos práticos para o desenvolvimento e o resultado dessa monografia, afirmo que foi feito um mapeamento de pesquisas (levantamento bibliográfico) com o propósito de polir a compreensão e o domínio dos conceitos de modo dialogar com os/as autores/as que têm se dedicado a discutir o meu tema objeto de pesquisa. No que concerne aos mecanismos técnicos para a produção de dados, utilizou-se de entrevistas como instrumento de pesquisa.

As entrevistas realizadas com os jovens da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, seguiu o método de seleção dos/as entrevistados/as a partir da amostragem em bola de neve. Segundo a socióloga Juliana Vinuto (2014), trata-se de uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.

Nesse sentido, com base nas minhas vivências com pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa, cheguei a outros informantes-chaves. Para Vinuto (2014), esses informantes-chaves, seguindo tal metodologia, podem ser nomeados como sementes, já que tem a função também de localizar outras pessoas com o perfil necessário para contribuir com a minha pesquisa.

Segundo Bernard (2005), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (Hard-to-find or hardto-study populations) ou que não há precisão sobre sua quantidade. Essas dificuldades são encontradas nos mais variados tipos de população, mas em especial nos três tipos que seguem: as que contêm poucos membros e que estão espalhados por uma grande área; os estigmatizados e reclusos; e os membros de um grupo de elite que não se preocupam com a necessidade de dados do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 204)

A partir das pesquisas bibliográficas, das observações, dos diálogos e da minha convivência e das vivências desses estudantes LGBTs, foi aprofundado um pouco mais sobre a

“pedagogia do armário” para melhor entendermos como ela é entendida dentro da universidade. Compreender de que forma esse ambiente contribui para a construção das identidades de gêneros e sexualidades, considerando as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB/Campus dos Malês.

A construção do roteiro para a realização das entrevistas foi um desafio para mim, principalmente, por conta de algumas dificuldades de como falar ou o que falar para que os/as entrevistados pudessem se sentir à vontade e pudessem conversar sem nenhum problema. O diálogo com minha orientadora, textos e artigos foram primordiais para ter uma noção de como construir esse roteiro, de modo que o diálogo pudesse fluir e a fim de alcançar os resultados desejados.

As questões norteadoras ajudaram bastante também para o roteiro da entrevista, que teve como base os objetivos que eu pretendia alcançar na minha pesquisa. Foram realizadas quatro entrevistas, com quatro estudantes da UNILAB; dois matriculados no Campus dos Malês (Bahia) e dois no Campus de Acarape (Ceará). Duas entrevistas aconteceram de modo online e individual, através da plataforma do Google Meet; uma com duração de uma hora e vinte dois minutos e seis segundos, e outra com duração de uma hora e vinte minutos e quarenta e nove segundos, com estudantes da UNILAB do Ceará - Campus de Acarape. As outras duas entrevistas aconteceram presencialmente e em grupo na UNILAB da Bahia - Campus dos Malês com uma duração de trinta minutos.

O local da investigação é a UNILAB, uma instituição federal brasileira de ensino superior que tem como objetivo de formar e contribuir para a integração entre o Brasil e os demais países membros da CPLP, principalmente países africanos. Ela é fruto de uma política de ação afirmativa mas que precisa ser ampliada. Tendo os seus *Campi* situados no interior do Nordeste brasileiro, ela reúne também os desafios da internacionalização e da interiorização e que através das pesquisas e extensão, visa assim promover a construção do intercâmbio de conhecimento, de estreitar os vínculos sociais, tendo em vista as regiões onde ela se encontra situada: Maciço de Baturité (Ceará) e Recôncavo Baiano (Bahia). A sua criação foi pensada tendo em vista principalmente na relação e a aproximação do Brasil com os países africanos e em especial na valorização dos símbolos que indicam claramente para os compromissos acadêmicos e institucionais da UNILAB com a população brasileira afrodescendente.

A presença dos entrevistados nos dois *campi* teve como objetivo obter materiais para comparação das experiências vivenciadas por estudantes LGBTs em ambientes universitários diferentes, mesmo que ligados a um mesmo projeto de universidade. Além disso, considero

importante promover uma maior aproximação entre os *Campi* distantes geograficamente e com poucas relações de trocas e projetos entre eles.

Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos/as entrevistados, e as entrevistas foram todas transcritas e sempre no final das entrevistas sugeria que cada um desse um nome fictício para eles/as mesmos/as. Ao final, os/as quatro preferiram que eu escolhesse os nomes, como forma de preservar as suas respectivas identidades. Após a transcrição das entrevistas, organizei os relatos por tópicos temáticos que foi para facilitar e estabelecer essas relações entre os depoimentos dos/as diferentes entrevistados/as.

A diversidade étnica, racial, cultural, identitária e não só, que existe na UNILAB, fez com que eu quisesse diversificar o perfil dos meus entrevistados, não só pelas suas identidades sexuais e de gênero como também pela nacionalidade de cada um. Os resultados alcançados corresponderam às expectativas. Assim, os/as participantes da pesquisa são dois estudantes de nacionalidade brasileira, uma estudante santomense e uma estudante angolana.

A escolha dos/as entrevistados foi possível a partir de conversas com colegas nos dois *campi* acerca do tema da minha pesquisa. Esses/as colegas conheciam ou eram amigos/as de pessoas que se encaixavam nos perfis dos/as entrevistados/as que buscava e colaboraram como mediadores na aproximação com esses/as estudantes. Então fui escolhendo os perfis com base nas diversidades que eu queria contemplar, como forma de enriquecer ainda mais o estudo, e assim fui chegando nos/as estudantes que participaram da pesquisa. Por meio de chamada telefônica e conversas no Chat a partir das redes sociais, essas pessoas indicadas aceitaram fazer parte da pesquisa como entrevistados/as.

O roteiro semi-estruturado permitiu deixar as perguntas em aberto como forma de deixar os/as entrevistados/as mais à vontade para dialogar e colocar questões que não estavam no roteiro e assim as conversas gravadas ocorreram de forma fluida. O roteiro foi elaborado no intuito de atender ao objetivo geral da pesquisa: compreender as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB, suas vivências, experiências e ações levado a cabo em prol de uma maior visibilidade, inclusão e garantia dos seus direitos dentro dos *Campi* da Unilab: Bahia e Ceará. O roteiro também foi construído de maneira que fosse possível depois responder aos objetivos específicos da pesquisa, como:

1. Analisar como é exercida a “pedagogia do armário” no ambiente da UNILAB.
2. Identificar os principais problemas e desafios vivenciados pelos estudantes nos diferentes espaços da universidade.

3. Identificar as formas e estratégias dos estudantes LGBTs no enfrentamento aos problemas de fobias vivenciados no Campus dos Malês, relacionados às suas respectivas identidades de gênero ou sexual.

2.2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.2.1 A “pedagogia do armário” e os espaços educativos

Em uma abordagem histórica da construção da sexualidade, Guacira Lopes Louro (2000) afirma que a sexualidade era vista até meados do século XX, normalmente, como sendo um tema particular, que devia ser falado entre pessoas que já tinham uma intimidade. A sexualidade não tinha uma dimensão social, o privilégio de se viver a sexualidade de forma profunda era só na fase adulta da vida, algo em que parceiros de sexo oposto partilhavam. A autora, assim, traz algumas questões: “O que se fazia? Experimentava-se de algum modo a sexualidade? Supunha-se uma “preparação” para vivê-la mais tarde? Em que instâncias se “aprendia” sobre sexo? O que se sabia? Que sentimentos se associavam a tudo isso?” (LOURO, 2000, p 9).

Guacira Lopes Louro teve que buscar ajuda para encontrar respostas que pudessem responder a essas questões a partir dos elementos que estavam relacionados a todas essas perguntas e que de alguma forma contribuíssem para a formação dos sujeitos e das sociedades, como: geração, raça, nacionalidade, religião, classe e etnia. Louro (2000), ao longo de todo esse percurso da vida, percebeu várias transformações em novas formas de se viver, de se relacionar, de estilos de vida, comportamentos e de se construir identidades de gênero e sexuais, diferentes daqueles que por muito tempo era definido como universal. Como sabemos, as experiências da sexualidade não é apenas entre as pessoas do sexo oposto, já não se espera chegar na fase adulta para falar ou vivenciar os prazeres e os desejos do corpo, de modo mais profundo. Mas dito isso, têm as condenações em que estas pessoas passam, sendo consideradas “fora do padrão normativo da sociedade”. Louro (2000) descreve que:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos

aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. (LOURO, 2000, p. 9-10)

Warner (1993) mostra que os modelos de heteronormatividade também são elaborados e são produzidos e informados dentro do próprio ambiente escolar. O ambiente escolar diz respeito à dinâmica vivida entre todos os elementos da comunidade escolar, principalmente, professores, funcionários e alunos. Tonelotto (2002), entende o ambiente escolar como um local onde se encontram espaços destinados a salas de aula que na maioria das vezes são algo limitado, além de se associarem habitualmente a tipos específicos de comportamentos admissíveis para uma sala de aula. Sobre esse tema, o crítico literário americano, teórico social Michael Warner (1993), descreve que:

A escola é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da *Heteronormatividade* – um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão. (WARNER (1993) *apud* JUNQUEIRA, 2013, p. 483)

Este ambiente é composto por atribuições de discursos, valores e práticas que faz com que a heteronormatividade seja estabelecida e conhecida como algo natural e reconhecida significativamente e, mais uma vez, é transmitida com seus padrões de comportamento, como sendo os únicos aceitos pela sociedade.

Para Judith Butler (2003), a heteronormatividade trata-se de um arsenal:

Um arsenal que regula não apenas a sexualidade, mas também o gênero. A disposição Heteronormativas volta-se a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas *normas de gênero*, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades. (BUTLER (2003) *apud* JUNQUEIRA, 2013, p. 483)

As questões ligadas à sexualidade e à identidade de gênero no espaço escolar se esbarram na discriminação e no preconceito, seja dentro ou fora da sala de aula, muitas vezes exercido por outros estudantes, ou até mesmo por parte dos/as professores/as, coordenadores/as e diretores/as. Ainda mais quando se é abordado os papéis ditos masculinos ou femininos, de forma descarada, tratando desse assunto somente numa ótica biológica, e assim esquecendo e deslegitimando toda a construção em volta das relações sociais.

Ana Maria Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (2007), em pesquisa sobre o cotidiano escolar, abordam os problemas relacionados ao ambiente escolar, ao currículo e o seu papel.

Mundo social da escola, cotidiano e currículo se interpelam e se implicam mútua e indissociavelmente, na esteira de uma vasta produção de discursos, enunciados, gestos e ocorrências, em situações em que se re/constroem saberes, sujeitos, identidades, diferenças, hierarquias. (CAMARGO E MARIGUELA, 2007 *apud* JUNQUEIRA, 2012, p. 64)

As pessoas LGBTQIA+, muitas vezes, são agredidas, ignoradas e perseguidas por ações sociais, por crenças ou políticas, como consequência da homofobia, mas também da “pedagogia do armário”. Junqueira (2013, p. 481) define o conceito de “pedagogia do armário” como um “conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos diferentes que o currículo constrói sob a égide das normas de gênero e da matriz heterossexual”. Os estudos demonstram que essa prática não acontece apenas no ambiente escolar e acadêmico, mas também nas ruas, nas instituições, em casa e nos espaços de lazer, como os estádios de futebol.

Segundo Silva Júnior (2018), podemos observar que o estádio de futebol costuma ser um lugar bastante homofóbico, onde os torcedores e os jogadores ficam trocando palavras/frases pejorativas como forma de xingamento entre eles, mas que atinge diretamente pessoas com identidades LGBTQIA+. Frases como: ‘está jogando como um viado’, ‘chuta a bola feito mulherzinha’, ‘você é gay!?’ são comumente usadas nos estádios. Em contraposição a uma homofobia escancarada nos campos e nas torcidas, o autor vai identificar e estudar as torcidas organizadas por torcedores homossexuais. Esses grupos de torcedores estão envolvidos também na luta contra a homofobia no futebol.

Para Sedgwick (2007), o armário é uma estratégia importante e embora não represente uma proteção muito segura, garante uma permanência confortável aos sujeitos que dentro dele estão, pois lhes permite uma consonância com o outro, assumindo a representação que estes desejam ou esperam ver. É exatamente o que ocorre no episódio apresentado acima. Quando identificado sexualmente com os demais membros da torcida, o torcedor gay participa, mesmo que clandestinamente, dos espaços e práticas de confluência da torcida organizada. (JÚNIOR, 2018, p. 72)

A autora Sedgwick (2007) aborda sobre o *armário* como uma “estratégia” não muito segura, no qual as pessoas LGBTs o utilizam para esconderem as suas identidades e para estarem entre os héteros cisgêneros. Essa é uma estratégia para ocuparem secretamente esses espaços e participar dos encontros ou reuniões entre eles/as sem sofrer ataques homofóbicos.

Podemos observar no livro “O Recôncavo Baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade” de Ana Cristina Nascimento Givigi e Priscila Gomes Dornelles (2013), que existe um tabu em relação aos debates sobre essas temáticas, além das violências que esses corpos sofrem quando expressam as suas sexualidades. “As sexualidades múltiplas, quando saem do armário, propõem, por meio de sua plástica e construção, novas vias do fazer universitário que, por vezes, irritam os homofóbicos de plantão, cujo exercício de poder é questionado”. (GIVIGI, DORNELLES, 2013, p. 28)

Na introdução do livro as organizadoras Givigi e Dornelles (2013) afirmam que:

[...] estes ensaios insinuam tramas “perturbadoras” entre a universidade e a pauta política e teórica d@s participantes de movimentos de gênero e diversidade sexual, contribuindo para visibilidade e legitimidade do que é tomado como diferença, como margem e como desvio nos currículos e nas práticas institucionais. Sem dúvidas, esta produção é uma forma de luta e vigor. Impulsiona a criação de políticas voltadas para as discussões curriculares e para a permanência qualificada de forma compactuada com a desnaturalização da heterossexualidade. Rumos de rompimento com bases de uma política de educação restrita e de filiações teóricas densas e imprescindíveis para a “quebra dos armários na UFRB. (GIVIGI, DORNELLES, 2013)

Nos meus diálogos com estudantes LGBTQIA+ da UNILAB, pude perceber que também devemos ter em consideração que essas identidades podem ficar no armário para se autoconhecer, por vontade própria, e muitas das vezes pelo medo das violências e dos abusos que podem acontecer contra eles/elas. No entanto, lanço as questões: O que significa ficar no armário? Será que a saída do armário é a solução para todos/as?

Os relatos coletados em conversas nos corredores da universidade ou no âmbito das entrevistas com estudantes da UNILAB do Ceará e Bahia nos mostram que, muitas vezes, essas violências contra eles/as acontecem em lugares ditos que são seguros, como os ambientes escolares, como citado anteriormente. Diante disso, não se sentem à vontade ou seguras/os, nem mesmo para falar sobre assuntos relacionados a gênero, sexualidade ou sobre elas mesmas. Isso acontece até mesmo em aulas direcionadas aos temas que envolvem as identidades LGBTs, porque não querem ser o centro das atenções e ter todos os olhares direcionados para a sua pessoa ou não se sentem acolhidas para participar da aula ou dialogar com as colegas e/ou professores/as. Mesmo para tratar de temas relacionados a gênero e diversidade sexual em sala de aula há dificuldades nessa interação e isso acaba sendo mais um problema relacionado ao sentimento de exclusão. Essa questão acarreta um enorme desconforto e, muitas vezes, esses estudantes se sentem como um corpo estranho, que não se encaixa naquele ambiente sem afetividade.

O livro *Diferentes, Não Desiguais: A Questão De Gênero Na Escola* (2016) aborda a violência e as desigualdades relacionadas a gênero na sociedade e as implicações das mesmas na vida cotidiana das crianças e jovens. As antropólogas Beatriz Accioly Lins e Michele Escoura e o antropólogo Bernardo Fonseca Machado, autoras e autor do livro, nos lembram que existem diferentes formas de violência relacionadas a gênero: desde os atos agressivos contra as pessoas ou grupos, não apenas fisicamente, como por pressão psicológica, chantagem, ataque moral ou não deixar que o indivíduo exerça seus direitos, assim como delimitar as tarefas e papéis, supostamente, próprios para meninas e meninos. Lins, Escoura e Machado (2016) defendem que o espaço escolar é de fundamental importância no combate aos preconceitos, discriminações e violências diversos praticados a partir da construção de papéis de gênero.

Segundo Lins, Escoura e Machado (2016, p. 55-56),

Muitas vezes os indivíduos têm seus direitos violados sem que haja crime que corresponda a essa violação, ou sem que ao menos tratemos a situação com indignação. Isso é bastante comum quando falamos da violência contra mulheres, ou, de maneira ainda mais abrangente, da violência de gênero. Certos tipos de violências estão associados a idéias e estereótipos de gênero, ou melhor, a características e comportamentos que estabelecem entre si. Isso significa dizer que pela simples condição de serem homens ou mulheres, indivíduos têm acessos diferentes a direitos, correm maiores riscos de sofrerem agressões ou serem assassinados, enfim, têm menos chances de alcançar uma vida digna. A violência de gênero engloba também a população LGBT. Uma vez que sua orientação sexual e identidade de gênero põe em xeque os estereótipos de gênero tradicionais e a heteronormatividade, essas pessoas são colocadas em situações de vulnerabilidade e desvantagem em relação a direitos.

Elían (2013), no artigo “A Heteronormatividade no Ambiente Escolar” (2013), nos traz reflexões importantes para pensarmos acerca do ambiente escolar, que, como sabemos, segue o padrão normativo da sociedade com as normas já impostas. Nesse ambiente, as diferentes identidades sexuais são invisibilizadas e muitas vezes excluídas.

Elían (2013) aborda em seu artigo que de forma teórica podemos observar as relações de poder em que estão envolvidos, e ao analisar estes aspectos é possível reajustar o currículo e a formação dos docentes para lidar com a diversidade que vão encontrar dentro da sala de aula, de modo a transformá-lo num espaço seguro, respeitoso e empática, com “perspectivas para uma educação não heteronormativa e menos homofóbica”.

De acordo com Elían (2013),

Há muito a ser realizado para que a heterossexualidade deixe de ser encarada como modelo de conduta, algumas escolas já estão se adaptando alternativamente ao padrão estabelecido, permitindo diálogos sobre as sexualidades e suas possibilidades. A educação é um importante caminho de construção e desconstrução e a sua utilização

a favor de uma sociedade que agregue as diferenças é positivo para que novas percepções de normalidade sejam entendidas. (ELIAN, 2013, p. 6)

As instituições sociais, como as escolas, que ainda insistem em manter esse padrão normativo, contribuem muito para essa exclusão. Podemos observar que o ambiente escolar muitas vezes invisibiliza os/as estudantes, cujos comportamentos não se encaixam no padrão da sociedade heteronormativa. Estes estudantes são repreendidos pela direção ou pelos/as professores/as, como forma de excluir, de subestimar, de invisibilizar as diferentes identidades sexuais.

Segundo as autoras/organizadoras Givigi e Dornelles (2013, p. 59-60)

Talvez fosse o caso de pensarmos que ao nosso alcance ou em nós mesmos estão sendo vividos os dilemas das identidades étnico-raciais, de gênero, sexuais, como se estivéssemos no olho do furacão: não há solo firme, diante de processos de subjetivação, representações e sentidos incomuns do corpo, voracidades institucionais, da agonística da democracia, de jogos de poder e saber relacionados às políticas de gestão da vida... O que nos obriga a pensar que devemos construir e praticar instituições mais democráticas e menos sedentas de controle e regulação.

Usando uma pedagogia convencional, a escola recorre ao seu conhecimento como meio de transformar as pessoas ou de moldar elas para que se encaixem no padrão dito normativo que, muitas vezes, os profissionais da educação utilizam contra as pessoas que fazem parte do grupo LGBTQIA+ como forma de repreendê-los ou até mesmo como estratégia para que estes se encaixem no padrão heteronormativo. Um exemplo disso é a separação das brincadeiras entre meninos e meninas ou dos tipos de brinquedos que dão para os meninos (carro) e meninas (boneca), reproduzindo aquilo que já vem sendo determinado pela sociedade. De certo modo, tentam fazer com que estes tenham comportamentos que se adequem aos padrões moldados pela sociedade, considerados normais. Quando não se enquadram são vistos como “corpos estranhos”, anormais, principalmente quando se trata dos homens.

Os sujeitos do gênero masculino acabam sendo mais cobrados por essa padronização, isso porque em nossa sociedade os homens são sempre mais pressionados a serem viris, “machos”, e sua sexualidade heterossexual é colocada como troféu. Os meninos quando demonstram afeto pelos amigos logo são repreendidos, enquanto as meninas têm seu comportamento socialmente aceito quando mantêm um contato mais pessoal e físico com as amigas. (ELIAN, 2013, p. 2)

A presente pesquisa foi inspirada nos estudos de Elian (2013), e Lins, Escoura e Machado (2016) ao abordarem a educação como alternativa para a superação de preconceitos e a desconstrução da heteronormatividade. Segundo Elian (2013), “A educação é um importante

caminho de construção e desconstrução e a sua utilização a favor de uma sociedade que agregue as diferenças é positivo para que novas percepções de normalidade sejam entendidas” (ELIAN, 2013, p 6).

No artigo de Raquel Pinho e Rachel Pulcino (2016) “Desfazendo os nós Heteronormativos da Escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT”, as autoras tratam das atuações dos movimentos LGBTQIA+ na luta para considerar as possíveis alternativas que superem práticas heteronormativas no ambiente escolar. Baseando-me nessas autoras, a presente pesquisa também tem como objetivo compreender como a cultura e a identidade estão relacionadas a essa construção heteronormativa e com a luta contra os seus padrões e normas.

Com essa monografia, pretendo compreender, identificar e relacionar a construção das identidades de gênero e da masculinidade heteronormativa, e as práticas que permeiam a “pedagogia do armário” na UNILAB. Levo em consideração aqui que o espaço acadêmico da Unilab, a partir das minhas vivências e interação com os estudantes LGBTQIA+, muitas vezes, consente, cultiva e promove LGBTfobia, heterossexismo, preconceitos e discriminações. Assim, o presente estudo pretende contribuir com a discussão pública sobre esse tema.

2.2.2. Interseccionalidade e o debate LGBTQIA+ no continente africano

A “interseccionalidade”, é de suma importância para nos ajudar a compreender ainda mais “as questões relacionadas às divisões sociais resultantes das relações de poder de classe, raça, gênero, etnia, cidadania, orientação sexual”, conceito sistematizado por Kimberle Crenshaw (2004), e de como elas também se relacionam umas com as outras dentro dos espaços educacionais bem como fora delas também.

Assim como a autora Angela Davis nos traz. Carla Akotirene, em seu livro *Interseccionalidade* (2019), aborda aspectos que influenciam a vida das mulheres negras. Nesse sentido, ela vai estudar a mulher, a partir da questão racial e de fatores sociais, como o colonialismo, e a sua relação com o gênero. A perspectiva da interseccionalidade visa incluir diversas problemáticas que se relacionam entre si. Para entendermos melhor o conceito de gênero é preciso observar em volta outros aspectos dessas problemáticas e as respectivas relações que elas estabelecem umas com as outras. Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade é que nos vai possibilitar a observação acerca do impacto das estruturas e a interação conjunta “das avenidas identitárias” (AKOTIRENE, 2019).

Não poderia deixar de citar uma passagem importante das autoras Collins e Bilge (2020) sobre a interseccionalidade que se relaciona diretamente com o contexto dos *Campi* da UNILAB em sua diversidade de raça, gênero, orientação sexual e nacionalidade. Segundo Collins e Bilge (2020),

Em geral, as pessoas usam a interseccionalidade como ferramenta analítica para resolver problemas que elas próprias ou gente próximas a elas têm de enfrentar. Por exemplo, a maioria das faculdades e universidades da América do Norte encara o desafio de transformar seus *campi* em ambientes mais justos e inclusivos. As divisões sociais resultantes das relações de poder de classe, raça, gênero, etnia, cidadania, orientação sexual e capacidade são mais evidentes no ensino superior. Hoje, faculdades e universidades abrigam um número maior de estudantes que, no passado, não tinham condições de pagar pelo ensino superior (questões de classe); ou estudantes que historicamente precisaram lidar barreiras discriminatórias à matrícula (devido a questões de raça, gênero, etnia, autoctonia, estatuto de cidadania); ou estudantes que enfrentavam diferentes formas de discriminação (questões relativas a orientação sexual, capacidade, religião) nos *campi* (COLLINS; BILGE, 2020, p. 18)

Considerando que parte considerável da comunidade da UNILAB é formada por estudantes africanos/as dos PALOP, trago a seguir uma breve introdução sobre os debates envolvendo as comunidades LGBTQIA+ em África. Me baseio aqui em parte dos artigos publicados no livro *Traduzindo a África Queer*, organizado por Caterina Rea, Clarisse Paradis e Izzie Amancio — as primeiras professoras da UNILAB-Campus dos Malês e a última ex-estudante desta instituição. O livro nos traz reflexões importantes acerca dessas questões a partir, por exemplo, de debates em torno da suposta inexistência da homossexualidade na África.

A África não é toda e integralmente homofóbica, nem é toda e exclusivamente heterossexual. Como em todo e qualquer contexto sociocultural, existem sexismo, machismo e homofobia, mas também, existem sítios de resistência e de lutas feministas em prol da libertação das comunidades LGBTQ. É assim que países como Uganda, Nigéria ou Malawi, conhecidos como os mais inóspitos para as pessoas sexualmente dissidentes, são, ao mesmo tempo, teatros de intensas produções de práticas teóricas e de militâncias feministas e queer. Neste sentido pode-se afirmar que a África, em seus vários contextos e regiões, está se transformando em um laboratório extraordinário do pensamento e do ativismo feminista e Queer. (REA, PARADIS, AMANCIO, 2018, p. 10)

A introdução do livro evidencia que atualmente existem poucos pesquisadores africanos na área de estudos de Gênero e Sexualidade e mais ainda quando se trata, particularmente, da Teoria Queer, mas não deixa de haver um avanço, já que estão realizando pesquisas importantes em alguns países e grupos étnicos da África. A questão da homossexualidade vem sendo bastante debatida nas sociedades africanas, ainda que não seja um assunto bem aceito.

Cito a seguir algumas produções de intelectuais e grupos ativistas que estão/estiveram na luta contra essas discriminações, opressões e violências, e em prol da visibilidade da dissidência sexual e de gênero, tanto no continente africano como no mundo todo. Kenneth Binyavanga Wainaina (1971-2019), por exemplo, foi um grande escritor queniano e jornalista, que também lutou pela visibilidade e pelo respeito à comunidade LGBT. Em uma de suas obras, intitulada *Eu Sou Um Homossexual, mãe* (2014), ele assumiu publicamente a sua homossexualidade e se posicionou contra as leis anti-gays no continente. No Brasil, Wainaina publicou o seu livro premiado, *Um dia vou escrever sobre este lugar* (2018), no qual aborda suas memórias de infância e adolescência e as histórias políticas e culturais do Quênia, Togo, Gana, Uganda e África do Sul.

No continente africano, há países muito conservadores que não toleram pessoas LGBTQIA+ nas suas sociedades, havendo muitas perseguições, violência de diversas formas e essas pessoas muitas vezes acabam sendo assassinadas. A *None On Record* como podemos observar em seu sítio, trata-se de “uma organização de mídia digital que trabalha com comunidades LGBTs africanas em todo o continente africano e na diáspora, focando o seu trabalho em três áreas – mídia digital e documentação; programas de treinamento em tecnologia e mídia; e cultura e inovação”. ([None On Record](#). Acesso em 10/01/2023)

Fundada em 2006, a organização surgiu em homenagem a FannyAnn Eddy, depois do seu assassinato em 2004, dentro do escritório da Associação de Lésbicas e Gays de Serra Leoa, país localizado na África Ocidental. FannyAnn foi uma ativista lésbica de Serra Leoa e a homenagem foi feita pela jornalista senegalesa-americana Selly Thiam, que passou a reunir histórias orais de africanos LGBTs no mundo todo, em formato de mídia digital.

Selly Thiam², Mercy Githaiga³, Tevin Sudi⁴, Isabella Matambanadzo⁵, Roger Ross Williams⁶ e Ryan Ubuntu Olson⁷, trabalham na *None On Record*, com comunidades LGBTs africanas no continente e na diáspora. Esta organização abriu seu escritório na África Ocidental em 2012, onde trabalha com organizações LGBTs, e de mídia no continente africano, instigando assim relatos voltadas às experiências LGBTs.

O artigo “A história única a homofobia africana é perigosa para o ativismo LGBTI” de Sibongile Ndashe (2018), advogada e ativista dos direitos humanos sul-africana, explica que diversos movimentos lutam para a obtenção dos direitos LGBTI em África, se manifestando e reivindicando seus lugares nos espaços públicos, entre outros. À medida que o movimento vai ganhando mais força, tendem a enfrentar processos mais perigosos e violentos pela frente, isso tudo por conta das perseguições por parte dos movimentos homofóbicos, ainda mais quando não reconhecem a existência do grupo LGBT em muitas sociedades africanas, e muitos ainda costumam dizer que LGBTQIA+ é coisa do ocidente.

O artigo mostra que, para lidar com essas demandas no continente africano, as intervenções estrangeiras não vão dar conta de resolver os problemas existentes na África, pelas diversidades existentes na cultura, hábitos e as próprias construções sociais nesses territórios. Mesmo que digam que a homossexualidade faz parte da agenda ocidental, possivelmente vai piorar a situação em vez de resolvê-la, causando divisões raciais e impedindo o desenvolvimento de movimentos locais de acordo com as pautas africanas a partir de lideranças

² Diretora executiva da *None On Record*. É uma jornalista, cineasta, produtora de rádio e escritora senegalês-americana. Ela começou sua carreira como repórter da National Public Radio em Chicago - isso a levou a produzir para o projeto de história Storycorps Oral na cidade de Nova York e, em seguida, a se tornar a produtora principal da Storycorps Griot Initiative, uma iniciativa que em parceria com a National Public Radio transmitiu as histórias de afro-americanos de todos os Estados Unidos.

³ Administrador da *None On Record*. É uma pessoa autodirigida e diversificada com experiência em pesquisa, trabalho de caso e administração. Ela tem mestrado em planejamento e gerenciamento de projetos pela Universidade de Nairobi e bacharelado pela Kenyatta University - Quênia, na Escola de Humanidades e Ciências Sociais, com especialização dupla em Economia e Sociologia.

⁴ Engenheiro de Som da *None On Record*. É engenheiro de som, especializado em edição de áudio, pós-produção de áudio, produção musical e som para mídia visual. Ele se concentra em contar histórias africanas usando áudio de boa qualidade, ideias inovadoras e uma perspectiva jovem e nova da indústria. Ele tem cerca de 3 anos de experiência enquanto mantém uma formação educacional em engenharia de som.

⁵ Conselho Administrativo da *None On Record*. É uma feminista do Zimbábue. Nascida em 1973, ela foi criada com uma profunda consciência das lutas de libertação e autodeterminação de seu país, o que influenciou sua trajetória de vida. Seu amor pelas artes lhe rendeu uma prestigiosa bolsa de estudos da Fundação Reuters para estudar Jornalismo, Literatura e Estudos Teatrais na Rhodes University em Grahamstown.

⁶ Dirigiu e produziu *Music by Prudence*, vencedor do Oscar 2010 de documentário de curta-metragem. Ele é o primeiro afro-americano a ganhar um Oscar por dirigir e produzir um filme. Ele produziu e dirigiu dezenas de horas de programação não ficcional para as principais redes de televisão e canais a cabo.

⁷ Atuou como presidente do conselho da *None on Record* nos últimos quatro anos e é um forte defensor do trabalho incrível das organizações. Olson tem mais de uma década de experiência na defesa de políticas domésticas e internacionais relacionadas a direitos humanos, saúde e gênero e diversidade sexual (GSD). Olson trabalhou nos níveis local, nacional, regional e global defendendo os direitos de gênero e minorias sexuais em todos os lugares.

ocidentais. Sobre a suposta inexistência de ativismos em prol dos direitos LGBTQIA+ no continente africano, Ndashe (2018) afirma:

Diferentes países no continente se encontram em diferentes fases do ativismo. Alguns países não têm movimentos para falar e a postura de “não pergunte, não conte” (Don’t ask, don’t tell) permanece a única forma de ativismo: se sabe que existem pessoas LGBTI nas comunidades, mas não há discussão a ser feita. Há países onde houve movimentos que permaneceram estáticos, pois não foi possível expandir os círculos do ativismo. Há países onde o movimento foi capaz de se enraizar na sociedade civil. A afirmação “a África é um continente, não um país” se torna mais importante onde a história única continua a permear o ativismo LGBTI no continente, ou seja, a ideia de que o ativismo não existe, que somente existe homofobia. Outrxs comentarxrs criticaram com eloquência a história única que é contada sobre a relação da sociedade civil africana com o movimento LGBTI no continente. (NDASHE, 2018, p. 78-79)

É preciso que haja mais discussões em torno dessa temática no sentido de que novos movimentos e grupos ativistas sejam criados para ampliar os debates com a sociedade e a mediação com o poder público, visando a resolução das demandas dos grupos LGBTs em diferentes países do continente africano. Esse estudo pretende contribuir com a visibilidade, a valorização e as discussões em torno das questões LGBTQIA+, sobretudo, no ambiente universitário, além de evidenciar as experiências e problemas vivenciados por estes grupos dentro da UNILAB.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir apresento os relatos e análises produzidos a partir das entrevistas realizadas com as/os estudantes: Pedro⁸, Ana⁹, João¹⁰ e Maria¹¹, através da plataforma do Google Meet e presencialmente. Como comentado anteriormente, busquei por colaboradores da pesquisa a serem entrevistados/as com perfis diferentes, em relação à nacionalidade, às identidades de gênero e de sexualidade e também ao Campus da UNILAB ao qual estão vinculados/as. Três estudantes entrevistados/as cursaram o BIH e um estudante está neste momento matriculado no curso. Atualmente, Maria está fazendo o Mestrado Interdisciplinar em Humanidades

⁸ Homossexual, negro, de nacionalidade brasileira, natural da cidade de São Francisco do Conde-Bahia. Vive no bairro do Centro e é estudante da Unilab/Campus dos Malês/Bahia.

⁹ Travesti, branca, de nacionalidade brasileira, nascida na cidade de Pacatuba-Ceará. Vive no bairro de Cajazeiras e é estudante da Unilab/Campus de Palmares/Ceará.

¹⁰ Homossexual, negro, de nacionalidade angolana, natural da cidade de Luanda. É estudante da Unilab/Campus dos Malês/Bahia.

¹¹ Bissexual, negra, de nacionalidade santomense, nascida em Santo Antônio, ilha do Príncipe. É estudante da Unilab/Campus de Palmares/Ceará.

(UNILAB/Ceará), Ana está no Mestrado em Antropologia (UNILAB/Ceará), João é do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB/Bahia) e Pedro está se licenciando em História (UNILAB/Bahia).

Apesar das diferentes trajetórias e experiências de vida dos/as quatro entrevistados/as e da complexidade dos problemas apontados a partir de perspectivas diversas, parte considerável das problemáticas trazidas por cada um/a deles/as dialogam bastante entre si. Além disso, parte considerável dos relatos dos/as entrevistados/as encontram ressonâncias nos depoimentos de outros colegas homossexuais ou transexuais, com os quais convivi ao longo da minha trajetória na UNILAB. Cito como exemplo, os desafios vividos no cotidiano da vida universitária dentro dos respectivos Campi-Ceará e Bahia: seja na dificuldade do reconhecimento do nome social, seja na rejeição dos/as colegas quanto à utilização do banheiro mais adequado à identidade de gênero do/a estudante trans.

Diversas atitudes mais explícitas de homofobia e de transfobia vividas no âmbito da universidade também estão presentes nos relatos de diversos estudantes transexuais e homossexuais. No intuito de compreendermos melhor as experiências desses/as estudantes em relação aos desafios enfrentados no âmbito da UNILAB, nos aprofundaremos nos respectivos relatos dos/as sujeitos selecionados para a pesquisa, nos quais são apresentados também aspectos relacionados às suas histórias de vida. Como veremos a seguir, Ana, Maria, João e Pedro trazem relatos importantes das suas experiências e vivências dentro e fora da universidade.

3.1 A UNILAB FRENTE ÀS QUESTÕES LGBTQIA+

Como mencionado anteriormente, o padrão heteronormativo está presente em diversas instituições, incluindo o espaço acadêmico, o que provoca a exclusão de diversas pessoas cujos comportamentos não se encaixam nesse modelo (ELIAN, 2013). A questão do nome social, por exemplo, foi um dos temas tratados por parte dos entrevistados/as como fator de resistência à aceitação coletiva de suas respectivas dissidências de gênero. A socióloga Berenice Bento (2014) destaca que o direito ao nome social em universidades e em outras esferas do mundo público não garante um tratamento sem discriminações:

O Brasil é o único país do mundo onde, no vácuo de uma legislação geral, instituições garantem um direito negado globalmente. Aqui transmutamos o respeito à identidade de gênero em “nome social”. Universidades, escolas, ministérios e outras esferas do mundo público aprovam regulamentos que garantem às pessoas trans a utilização do “nome social”. Mudar sem alterar substancialmente nada na vida da população mais

excluída da cidadania nacional. Assim, por exemplo, uma estudante transexual terá seu nome feminino na chamada escolar, mas no mercado de trabalho e em todas as outras dimensões da vida terá que continuar se submetendo a todas as situações vexatórias e humilhantes e portar documentos em completa dissonância com suas performances de gênero. (BENTO, 2014, p. 175)

A estudante Ana, uma mulher trans, de nacionalidade brasileira, natural da cidade de Pacatuba-Ceará, relatou que existia uma resistência na implementação da política do uso do nome social na UNILAB. Segundo Ana, ela própria, junto com professores/as e algumas pessoas que trabalhavam nas pró-reitorias da UNILAB, sensíveis à causa, fizeram um movimento com o objetivo de que essa política fosse implementada de forma efetiva na universidade. Conforme os relatos dos/as entrevistados/as, os grupos LGBTQIA+ da UNILAB continuam sofrendo por conta de negligências da própria instituição em relação aos mesmos.

De acordo com a estudante Maria, bissexual, nascida em Santo Antônio, na Ilha do Príncipe, a UNILAB apenas inseriu o nome social na matrícula e é obrigação da universidade fazer isso mesmo. Mas, por outro lado, ela em si não dá nenhum suporte à violação dos direitos individuais desses/as estudantes. São as associações formadas pelos/as próprios/as estudantes que têm se engajado nessas ações. Todos os ganhos conseguidos em prol da comunidade LGBT dentro da instituição foi com muita garra e muita persistência porque nunca foi um debate fluido, leve, confortável para as duas partes. Maria lembra dos relatos de uma estudante que sentiu violentada ao chamar a atenção da professora que não se referia a ela pelo seu nome social e, mesmo assim, não teve resultado.

Cheguei a presenciar alguns casos de discriminação na UNILAB em que um grupo de estudantes falavam palavras pejorativas entre eles, direcionadas a um estudante dissidente sexual que tinha passar por onde estavam. Também testemunhei um grupo de estudantes que não queriam que um estudante trans frequentasse o banheiro feminino. Esses episódios que remetem à opressão, discriminação e violação dos direitos do grupo LGBTQIA+ são somados a outros que acontecem durante algumas aulas.

Conforme o estudante João:

A UNILAB somos nós e acredito que são os próprios colegas que estabelecem esse padrão da heteronormatividade. Tipo no meu segundo semestre aqui, ainda as aulas eram online, aí tinha uma turma de Sociedades de Diferentes Países Lusófonos, aí teve uma aula que falava sobre sexualidade entre outros, aí fiz um comentário, só que os colegas guineenses e alguns angolanos chegaram até mim e falaram na frente da professora e dos colegas que estavam na aula, que eu tinha que ser um pouco mais discreto, que ser gay tá tudo bem, só precisa ser mais discreto e não ficar espalhando que você é gay. Aí eu deixei bem claro que aquilo era uma questão minha, então eu decido ser discreto ou não, o fator afeminado é uma questão minha porque eu acredito que vim aqui por mim mesmo, conheço minha história, a minha trajetória, eu sei o

que passei para estar aqui onde estou hoje. Se até a minha própria família hoje me respeita do jeito que sou e tem noção do que sou e não me julgam, então o que vem de outras pessoas não vai me preocupar, família é tudo mesmo existindo várias diferenças principalmente no contexto africano sobre essas situações, então não podem impor que devo ser mais discreto só por ser gay, e pra mim isso é uma forma de opressão, uma forma de perpetuar a heteronormatividade em cima das pessoas porque dizem que este é o comportamento do homem hetero, ser discreto, não afeminado. Ser gay tudo bem mas você tem que se assimilar um pouco hetero, tipo isso e eu passei isso na UNILAB-Campus dos Malês. (Entrevista, João, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

As associações dos estudantes, o DCE, e os movimentos estudantis formados pelos estudantes dentro da UNILAB podem criar alguma pasta dentro do próprio DCE para dar conta das demandas voltadas ao grupo LGBTs, mas não existe nenhum grupo específico de apoio a estudantes LGBTs da própria da instituição. Estudantes e professores podem se sensibilizar quando acontece alguma situação violenta, assim como o diretório central estudantil pode promover debates relacionados à comunidade LGBT. Nessas ações, costuma-se discutir as pautas e reivindicações dos direitos dessas pessoas dentro e fora da UNILAB.

Segundo a estudante Maria, embora não exista nenhum grupo de apoio à comunidade LGBTQIA+ da instituição, existe uma rede de apoio criada pelos próprios estudantes, que não é institucionalizada, um ciclo de amigos, só de pessoas LGBTs, no qual saem juntos, conversam sobre essas questões, sobre o afeto, as trocas, sobre a universidade etc. Essa rede se comunica entre si abertamente, expressando tudo aquilo que os aflige e a partir dessa experiência, os/as participantes conseguem compreender as questões de cada um/a.

De acordo com a estudante Maria:

Existe um núcleo dentro do diretório central estudantil contra a violência doméstica, mas que também inclui as pessoas LGBTs de alguma forma por conta dessas questões da interseccionalidade que acaba se associando. Mas é claro que houve conquistas e também podemos ver os avanços que a quatro anos atrás não existia, tipo a abertura para o diálogo, para essa troca, uns anos atrás parecia que as pessoas estavam contra nossa existência. É preciso construir grupos e movimentos de escuta e fala, e a garantia de inclusão para mais pessoas LGBTs na universidade. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

A partir, desses núcleos, construções de espaços e momentos para esses diálogos, vai havendo uma abertura para o entendimento das problemas existentes na UNILAB. Desse modo, os/as estudantes pensam coletivamente em soluções para as demandas envolvendo o grupo LGBTQIA+, e na criação de políticas afirmativas específicas para elas.

3.2 EXPERIÊNCIAS DE “SAIR DO ARMÁRIO” DENTRO E FORA DA UNILAB

Como mencionado anteriormente, o conceito de “pedagogia do armário” também refere-se a um “conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos e diferenças que o currículo constrói sob a égide das normas de gênero e da matriz heterossexual” (JUNQUEIRA, 2013, p. 481). A “pedagogia do armário”, nesse sentido trazido por Junqueira (2013), está diretamente relacionada aos ambientes de ensino, como escolas e universidades. Os relatos dos/as estudantes entrevistados/as confirmaram que os diferentes grupos LGBTQIA+ na universidade, muitas usam se utilizam desse “armário” como uma forma de se proteger das discriminações e sofrimentos provocadas pelas normas heteronormativas.

O estudante Pedro, natural de São Francisco do Conde, assumiu-se como homossexual aos 16 anos de idade, com muito receio da família, da religião e da sua comunidade de origem que cria muitos estigmas quando a pessoa expõe que é dissidente sexual. Segundo Pedro, muitos se afastam ou ficam falando mal de você pelas costas ou de forma mais direta e incisiva quando descobrem que não é heterossexual.

Segundo o estudante Pedro:

A gente sempre tem os receios mas eu me assumi muito antes da UNILAB, desde os 16 anos. Tem os receios principalmente por conta da família, da religião, do processo social, eu tive alguns problemas na questão do comportamento ao me expor. Mesmo assumido acho que a gente cria alguns estigmas, e a UNILAB veio no sentido de desfazer algumas coisas que eu tinha ainda, como o processo de autoestima, de me imaginar, de me expor dentro da sociedade, mas em relação à minha sexualidade não. (Entrevista, Pedro, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

A fala de Pedro se aproxima com a do estudante João, estudante homossexual, natural da cidade de Luanda/Angola. De acordo com o estudante João, embora a UNILAB não tenha contribuído para a tomada de consciência sobre sua identidade sexual, a universidade ampliou os seus conhecimentos em relação a outras identidades sexuais:

A UNILAB não me ajudou a me reconhecer e nem a me identificar com a minha identidade sexual, mas ela me permitiu conhecer outras identidades sexuais, poder conviver, ter esse contato, pude conhecer mais a fundo sobre isso teoricamente e na prática, porque eu sempre soube quem eu era, antes de estar aqui na universidade, eu já sabia disso. Então, acredito que para a minha identidade, na qual eu me identifico que é homem gay, acho que não foi a UNILAB que me trouxe isso, mas a UNILAB me expôs isso, ampliando os meus conhecimentos e de conhecer outras identidades sexuais. (Entrevista, João, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

Assim como o Pedro, o estudante João, também tinha esse receio de se expor para a sua família e o medo das violências (xingamentos, espancamento, assassinato etc), que acontecem em muitos países do continente africano quando a pessoa é dissidente sexual, e também no Brasil. João se assumiu para alguns amigos ainda em Angola, mas foi no Brasil que ele conseguiu se assumir perante a família.

Sobre a influência da experiência universitária no reconhecimento da sexualidade e da identidade de gênero, a estudante Ana relata que:

Na UNILAB para ser bem real, hoje em dia, digamos, entrei na UNILAB em 2017, no curso de BI em Humanidades. Então, a sexualidade para mim naquele momento não era uma questão, porque a minha identidade de gênero ela vive de medo, não só pela hierarquia porque eu sofro por tudo isso, por ser uma mulher travesti, por ter uma sexualidade diferente. Então, dentro do espaço da UNILAB, o que mais me coloca mesmo é a questão da minha identidade de gênero, a sexualidade ela entra em questão mas não tão forte como as discussões que eu encaro da minha identidade de gênero que tem uma resistência na UNILAB, ainda mais depois do edital 29/2019, e até o momento a gente tem poucas travestis nessa universidade. (Entrevista, Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Conforme destaca Ana, os grupos LGBTQIA+ aprendem bastante ao longo das suas trajetórias de vida, marcadas pelo medo. No Brasil, em particular, esse medo é constante, um país onde o ódio é muito grande e com ideologias extremas contra essas corporalidades relacionadas às questões da sexualidade dissidente.

Segundo o Relatório: Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, dados estáticos do ano de 2020, mostram que um total de 237 LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) morreram violentamente no Brasil, vítimas da homotransfobia: 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). O escritor e educador congolês, JJ Bola, afirma em seu livro *Seja homem* (2020), que

A realidade na sociedade moderna para as pessoas transgêneras, de gênero fluído ou não binário, no entanto, está longe de oferecer a elas uma posição social confortável. Pelo contrário, essas pessoas enfrentam o risco de serem ridicularizadas, excluídas e marginalizadas, além das constantes ameaças de agressão física e morte. (BOLA, 2020, p. 120).

Assim como a estudante, que escutava muitas barbaridades sobre pessoas LGBTQIA+ na infância, hoje em dia esse grupo vem lutando e reivindicando os seus direitos, o respeito e um lugar que é deles também dentro da sociedade. Observei, a partir do relato da Ana, que havia uma necessidade de performar a heteronormatividade por questão do medo que sentia em alguns momentos da sua vida. Essa necessidade faz referência à entrada e permanência no

“armário”, um lugar no qual é possível estar mais protegido das violências da sociedade patriarcal, homofóbica e transfóbica.

Ana relata sobre essa experiência de performar uma heteronormatividade:

Eu tinha muito medo de me expressar em alguns momentos da minha vida. E também podemos observar que as pessoas LGBTQIA+, muitas vezes, tentam se encaixar nessas caixinhas consideradas normais e dentro dos padrões colocados pela sociedade, e nisso comecei a performatizar a heteronormatividade, mesmo não entendendo o que era, e muitas vezes isso acontece por falta de conhecimento, então reproduzia isso porque era o que a maioria considerava o certo. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Já a estudante Maria, embora de realidade distinta, relata que em São Tomé e Príncipe, ainda existe uma falta de conhecimento muito grande sobre questões relacionadas às comunidades LGBTQIA+. Segundo Maria, ela se performatizava apenas para manter-se dentro dos padrões da sociedade heteronormativa, justamente por conta dessa falta de conhecimento.

De acordo com a estudante Maria:

Eu sou uma mulher bissexual, negra e africana, vim de São Tomé e Príncipe, mais especificamente da cidade de Santo Antônio, na ilha do Príncipe, onde a gente não tem tanta representatividade em relação às questões relacionadas às comunidades LGBT, aos nossos direitos, enfim, todo mundo fala, particularmente as pessoas da comunidade africana falam que a gente aprendeu essas coisas fora do nosso país e isso não é verdade, no nosso país existem pessoas LGBTs, a gente só faz questão de ignorar isso. O fato de eu ser africana é pior ainda porque parece que a comunidade africana não mede esforços para reafirmar e afirmar que no continente não existem pessoas LGBTQIA+, que isso é um mal do ocidente ou das Américas. Só que isso não é verdade, no continente africano existe sim. Eu tinha um amigo cabo-verdiano que se entendia enquanto uma pessoa trans, mas que toda a sua performance era fruto de um esforço para manter aquela aparência e eu só fiquei sabendo quando ele chegou para mim e falou que não aguentava mais isso e que precisava conversar e ele relatou que a comunidade se mostrava transfóbica e que não tinha como assumir, e olha a nossa própria comunidade está nos matando porque eles não nos acolhem e eu sou exemplo disso. As pessoas africanas aqui lidam comigo, mas é só para cumprimentar mesmo, os meus amigos mesmo são todos LGBTs. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

Como vimos no capítulo anterior, é muito frequente negar a existência de pessoas LGBTQIA+, na maioria dos países do continente africano, assim como podemos observar no relato da Maria. Essa questão se relaciona com o que coloca “Sibongile Ndashe¹² (2018) a respeito do tabu em torno da temática LGBTI no continente africano. Como resposta a isso, no

¹² Está particularmente interessada em apoiar movimentos regionais e domésticos para trazer casos de orientação sexual e questões de identidade de gênero aos tribunais e quer uma descriminalização incremental da homossexualidade. Ndashe ajudou a estabelecer a Rede Africana de Advogados de Direitos LGBTI (ALRILaN) para ajudar os advogados que trabalham nesses casos e apoiou casos de LGTBI no Tribunal Africano dos Direitos Humanos e dos Povos.

Malawi, país africano, existiam leis de privacidade que protegiam essas pessoas de serem perseguidas. Mesmo não sendo uma solução cem por cento eficaz, foi uma boa estratégia, ajudando de algum modo a proteger os direitos dos grupos LGBTIs na época.

O movimento nascente para os direitos de lésbicas, gays, transexuais e intersex (LGBTI) em África enfrenta uma série de problemas e traçam estratégias e objetivos, além de buscar mais aliados. Lembrando ainda que muitos países do continente não têm movimentos voltados para os direitos da população LGBTQIA+, não se fala sobre esses grupos, mesmo sabendo que existem pessoas LGBTQIA+ em suas sociedades.

Conforme Sibongile Ndashe (2018):

Isso confere às vozes não africanas a cobertura para perseguir suas próprias agendas e reforça os movimentos homofóbicos dentro da sociedade, quando eles afirmam que a homossexualidade é parte da agenda ocidental. Mesmo com as melhores intenções, as intervenções estrangeiras frequentemente não compreendem as dinâmicas e as políticas locais e podem causar mais prejuízos do que promover o bem. (NDASHE, 2018, p. 79)

Essa questão dialoga com o que a estudante Maria nos traz sobre a questão de que só existe grupo LGBTQIA+ no ocidente ou em outros países fora do continente africano. Existe o grupo LGBTI no continente africano, mas o olhar de fora para dentro não é suficiente para resolver as problemáticas de um determinado território, ou seja, a forma como as pessoas do grupo LGBTI do ocidente resolvem suas demandas não irá solucionar as demandas que envolvem esse grupo em África, porque são duas realidades diferentes, cada um tem as suas diversidades e suas agendas. (NDASHE, 2018)

Maria teve sua primeira experiência afetiva e sexual enquanto mulher bissexual, ainda no seu país de origem. Segundo Maria, a falta de conhecimento, de diálogo sobre essas questões, de representatividade, e a influência da religião católica em São Tomé e Príncipe interferiram na forma como lidou com sua sexualidade, transformada ao chegar ao Brasil.

Maria relata:

Eu vim de uma família católica de cunho e caráter ocidental, então, eu fui doutrinada a achar que essas coisas eram pecados, então sempre carreguei alguma culpa, e quando eu vim para o Brasil, que eu começo a perceber que existem de fato pessoas como eu, e que encaramos isso de uma forma que não é algo de errado que você está fazendo, que você só está vivendo sua vida. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

As famílias africanas e não só, costumam ser muito conservadoras e manter o formato da família tradicional, querendo interferir de certo modo na vida dos/as filhos/as e orientar os

passos que estes devem seguir e isso por vezes causa receio ou medo da pessoa expor a sua identidade sexual, assim como o João, traz na sua fala:

Eu sempre tive receio até um certo momento da minha vida, principalmente pela minha família de eu falar o que eu era, deles não entenderem, de me julgarem, tem muitos casos que acontecem com pessoas lá do continente africano ou até mesmo aqui no Brasil, da pessoa ser expulsa da casa do seu familiar e não só. (Entrevista com João, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

Os dissidentes sexuais sofrem muitas violências de diversas formas, pela própria família ou por pessoas que nem conhecem, apenas pelo fato de não seguirem um padrão heteronormativo. Então, esse conservadorismo e a falta de conhecimento ou até mesmo por acreditarem ser algo anormal, acaba provocando violências contra esses corpos.

Conforme a estudante Maria:

Lembro que quando comecei a me relacionar com mulheres publicamente, as pessoas falaram que eu estava sendo influenciada pela galera brasileira que eu estava andando. Teve uma altura que comecei a andar muito com o pessoal brasileiro, mas essa minha mudança de ciclos de amizades de pessoas africanas para brasileiras foi justamente porque a galera da comunidade africana não me acolhia. E eu me sentia excluída e a galera brasileira que de alguma forma discutia sobre essas questões, o pessoal do movimento dentro da universidade, dos DCE's, os movimentos sociais que tinham como pautas questões relacionadas a comunidade LGBT. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

O estudante João e a estudante Maria passaram por esse processo em que as pessoas se distanciaram deles justamente por serem dissidentes sexuais e esse distanciamento aconteceu principalmente por parte dos/as colegas de nacionalidade africana. Esse fato corrobora com a falsa ideia de que no continente africano “não existem pessoas que fazem parte do grupo LGBTQIA+”.

Apesar das dificuldades vivenciadas na UNILAB, conforme apontadas pelos/as entrevistados/as, a universidade também proporcionou aos mesmos mais conhecimentos sobre essas questões. A ampliação do conhecimento se deve à grade curricular de alguns cursos mencionados anteriormente, mas também da convivência, trocas e experiências com outros/as estudantes e grupos dentro e fora da universidade que dialogam com questões relacionadas ao grupo LGBTQIA+. Para o estudante Pedro, a universidade ajudou também no seu processo de autoestima, fazendo com que ele formulasse novas ideias sobre si mesmo, bem como sobre o seu comportamento perante a sociedade.

3.3 CURRÍCULO E AÇÕES VOLTADAS PARA QUESTÕES LGBTQI+ NA UNIVERSIDADE

O currículo da UNILAB integra, principalmente no curso de BIH, componentes que abordam temáticas como, sexualidade, gênero, raça e classe. Esses componentes trazem reflexões importantes, até mesmo para se pensar nas diversidades que se encontram neste espaço de ensino, de modo a torná-lo mais aberto e inclusivo. Com isso, trago o relato importante da estudante Maria sobre a UNILAB, o currículo e as pessoas que faziam parte de movimentos sociais relacionados às pessoas LGBTQIA+:

A UNILAB me ajudou muito, fiz Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, dentro da grade curricular a gente tem disciplina de gênero e sexualidade, então a gente acaba estudando isso e entendendo melhor como funciona e você vai perdendo a culpa e vai se entendendo, e a formar seu próprio conhecimento a partir do próprio curso. E fui me sentindo mais aliviada depois que comecei a construir essas relações com o meu curso e com a galera dos movimentos sociais e comecei a me sentir acolhida e a respeitar as minhas vontades e interesses, acho que ajudou bastante sim, ajuda muito. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

Para o estudante Pedro, a UNILAB veio muito nesse sentido de refazer algumas ideias, de conhecer e de entender melhor essas questões e a sua própria pessoa. Além do currículo enriquecedor, tiveram pessoas que já estavam na UNILAB há mais tempo que o influenciaram e contribuíram, assim como os movimentos estudantis que através das colaborações durante as lutas políticas e pelo reconhecimento dos direitos do grupo LGBTQIA+.

O DCE do Campus dos Malês já realizou oficinas de cartazes, no qual escreveram alguns dos direitos dos grupos LGBTs, como, por exemplo, o uso do banheiro feminino para as pessoas trans/travestis. Os grupos estudantis também se reuniram para lutar contra o cancelamento do edital 29/2019, tanto na Bahia quanto no Ceará, além de terem organizado rodas de conversas, palestras e debates envolvendo as questões LGBTQIA+.

A grade curricular do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, despertou o interesse dos/as entrevistados/as, visto que alguns componentes do curso abordam temáticas sobre gênero, sexualidade e raça. No entanto, esses componentes são optativos do curso de BIH, o que impossibilita que todos/as os/as estudantes participem dos mesmos. Ana, João, Pedro e Maria, participantes da presente pesquisa, se interessaram bastante por esses componentes. Maria, juntamente com outras colegas da sua turma na época, queria que esses componentes fossem colocados na grade curricular do curso de BIH como obrigatórios pela sua importância.

Conforme Maria:

Em uma mesa no debate da disciplina “Educação Popular”, no qual o grupo LGBTQIA+, percebendo-se a importância da disciplina, propuseram ao coordenador que estava presente também no debate, que as disciplinas fossem ofertadas como obrigatórias devido a sua extrema importância. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

O interesse dos/as entrevistados/as em cursar as disciplinas ofertadas nas grades curriculares do curso do BIH, mesmo não sendo obrigatórias, e a reivindicação de que todos/as estudantes do curso passem por elas, nos mostram a sua importância e as mudanças que causam na vida desses/as estudantes. Portanto, o seu peso como componente obrigatório na grade curricular seria ainda mais eficaz porque levaria o conhecimento e o entendimento dessas questões a todos/as os/as estudantes do curso.

O currículo da UNILAB, bem como alguns docentes contribuem e apoiam esses estudantes, tanto através da difusão do conhecimento sobre temáticas relacionadas à gênero e sexualidade, mas também para o fortalecimento dos mesmos, nesse processo de formação acadêmica que costuma ser violento contra essas corporalidades.

Conforme a estudante Ana:

Em 2017, entrei na instituição, eu não me afirmava ainda uma pessoa trans e nesse processo de conhecer outras amigas, de autoconhecer, eu entro no curso de Humanidades, o que para mim foi uma transição extrema. Assim, é uma possibilidade que eu tive de conhecer todos os campos das Ciências Sociais e nele eu encontrar o qual me identifico que nesse caso foi a Antropologia. (Entrevista, Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Os relatos dos/as entrevistados/as nos mostrou que todos/as reconhecem que a UNILAB possua, sobretudo no BIH, um currículo enriquecedor. Além disso, valorizam o compartilhamento dos conhecimentos teóricos por professores/as que dominam os conteúdos dessas disciplinas específicas, assim como a contribuição dos/as mesmos/as na formação da subjetividade de cada estudante.

Na entrevista com a Ana, ela relata um pouco do processo civilizatório que foi também algo violento, nos remetendo assim ao passado colonial, onde os colonizadores diziam que iam civilizar os povos incivilizados, ou seja, povos que tinham características e culturas diferentes das deles. JJ BOLA (2020), aborda sobre como esse processo histórico moldou a sexualidade:

O colonialismo - a total exploração e dominação política, econômica e cultural de uma nação sobre a outra - foi um dos fatores mais significativos do processo histórico que moldou a maneira como a sexualidade é vista nos dias de hoje, em especial no

hemisfério sul - ou melhor, na África, na Ásia, na América do Sul e no Oriente Médio (o chamado “Terceiro Mundo” ou os “países em desenvolvimento”). Esse mesmo colonialismo ainda levou, determinando época, à criminalização da homossexualidade em várias dessas regiões, com destaque para países africanos como Uganda, Nígeria e Zimbábue, para não falar de outros países, como o Sudão e a Mauritânia, que chegaram a implementar a pena de morte como punição aos gays e lésbicas. Tamanho impacto se deu porque, com o colonialismo, cresceu também o imperialismo religioso, apoiado em grupos missionários que convertiam os povos ao cristianismo e/ou ao islamismo, enquanto os antigos modos de vida e crenças da população eram apagados de forma brutal. (BOLA, 2020, p. 118)

O autor nos faz pensar no caso das pessoas LGBTQs, e na tentativa de extermínio de pessoas travestis e dissidentes sexuais, cujas identidades eram vistas muitas vezes como coisa do “diabo”, “seres anormais”, “algo ruim” entre outros. A professora Luma¹³, é um exemplo claro dessas violências, tanto que é a primeira travesti a conseguir um título de doutorado.

Esses corpos que sofrem todos os tipos de violências como, por exemplo, o espancamento até a morte por questões de ódio, discriminação, além da transfobia que sofrem, afetando diretamente as suas condições de vida tanto pessoal, social e profissional, por conta das privações e dificuldades que estes encontram no âmbito escolar, as exclusões que existem nesses espaços fazem com que abandonem o ensino.

Assim como Maria e Pedro, a estudante Ana, também fala dos sinais de discriminação não verbal, portanto, da comunicação através dos corpos e dos olhares.

De acordo com a Ana:

O nosso corpo é um corpo político, ele incomoda assim que a gente chega, não preciso nem abrir a boca, é só eu chegar em um espaço que já vai trazer uma série de desconforto para algumas pessoas não generalizando, e é isso, a UNILAB me ajudou sim e agradeço essa instituição, agradeço sempre mas agradecendo no sentido também de lutar e defender uma educação de qualidade que assim como eu tive esse direito e essa possibilidade de adentrar numa instituição de ensino superior, quero que outras assim como eu tenham essa possibilidade e lutar para que essas políticas permaneçam. (Entrevista, Ana, Google Meet, 20/09/2022)

A UNILAB foi fundamental nesse processo de autoconhecimento de Ana que destaca a participação nesse processo de algumas professoras e professores que estão ali fazendo trabalhos com esse grupo específico. Esse é o caso do “CIEG Dandara”, um Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero, na UNILAB - Campus de Redenção, que tem como objetivo “dedicar-se aos estudos interdisciplinares das relações de gênero em interface com as relações étnico-raciais”, do qual Ana faz parte. A estudante Ana participa também, no campus

¹³ Pesquisadora e professora brasileira, doutora em educação. A primeira travesti a conseguir este título no Brasil, que lhe foi concedido em 2012 pela Universidade Federal do Ceará, faz parte do corpo docente da Unilab do Ceará.

da UNILAB no Ceará, do grupo “Queer Lombo”, com vários/as estudantes LGBTQIA+. Trata-se um grupo de apoio criado no WhatsApp, onde discutem e procuram soluções para qualquer situação referente à causa LGBTI na UNILAB/Ceará. No Campus dos Malês, o DCE criou dentro do diretório uma pasta para as pautas voltadas para o grupo LGBTQIA+. O Grupo de Pesquisa FEMPOS-Feminismos, Pós-Colonialismos e Epistemologias Anti-Hegemônicas, coordenado pela professora Caterina Rea, e do qual o Pedro e o João participam também tem promovido pesquisas e estudos sobre temáticas relacionadas aos grupos LGBTQIA+. É importante lembrar que houve uma ocupação do Campus dos Malês por parte dos estudantes e movimentos estudantis quando foi divulgado o cancelamento do edital 29/2019. Essas são lutas e ações ainda com poucas participações, mas que não deixam de ser importantes para esse grupo.

Apesar dessas importantes iniciativas de grupos permanentes da universidade, ainda há resistência no acolhimento de estudantes dissidentes sexuais e de gênero por parte de alguns/algumas professores/as. Segundo a estudante Ana,

Na UNILAB tem um tratamento diferenciado sim, tem alguns professores que te tratam com diferença, você percebe, aí você vai refletir mas de onde está vindo essa diferença, já que colocam sempre que hoje em dia tudo é LGBTfobia, tudo é Transfobia. Mas aí, quando vamos refletir sempre é a mesma coisa, a diferença contra as nossas identidades de gêneros, como se não fossemos capazes de estar ali. (Entrevista, Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Percebe-se algumas dessas diferenças de tratamento também no contexto de defesa do edital 29/2019, referente ao processo seletivo específico para pessoas transgêneras e intersexuais. Segundo Ana, durante os diálogos com os/as professores/as dos colegiados, ela ouviu algumas barbaridades, como se essas pessoas tivessem privilégios dentro da universidade. E de acordo com Ana, quando ela ouviu tal absurdo, contestou:

Olha, a palavra privilégio e a travestilidade são coisas totalmente opostas que nunca estiveram juntas porque a gente nunca teve privilégio algum, inclusive se a gente for pensar em políticas até de cotas sociais mesmo, no Brasil sempre existiu cotas para população branca, um exemplo é no processo de colonização quando o Brasil convida diversos migrantes pra vir pra cá com exceção dos europeus, com casa, com terra, com alimentação, com trabalho, isso foi o quê? Se não for uma política de incentivo e sempre destinada para uma determinada população, agora uma política específica para a população LGBTQIA+, aí é privilégio vai desmontar o poder deles enfim essa diferença eu percebo nesse sentido. (Entrevista, Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Sobre esse assunto acerca do currículo e ações, o estudante Pedro relata que o currículo é interessante e importante mas que a heteronormatividade, ela já está presente em tudo, tanto

nas instituições de ensino como em toda sociedade e o que está faltando dentro da UNILAB, são mais espaços de diálogos e estratégias para resolver as demandas que envolvem esse grupo específico. Portanto, ter mais editais, palestras, coletivos e incentivo das ações por parte da própria instituição, de estudantes, professores/as, e de todos que fazem parte deste espaço.

De acordo com o estudante Pedro:

Já teve coletivos LGBTs, na UNILAB, mas foram poucas pessoas que aderiram e não tinham recursos e nem apoios para se desenvolverem e crescerem. O Diretório Central dos Estudante, que fiz parte em 2019, onde fiquei na coordenação de pessoas LGBTQIA+, e até levei uns projetos mas não é algo que tem incentivo grande ou que as pessoas se empolguem ou se juntem para fazer. (Entrevista, Pedro, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

Enquanto liderança do movimento estudantil, percebo que tem lutas nas quais as pessoas aderem e participam por acreditarem que são mais pessoais. Quando não se engajam, normalmente, é porque acham que a luta não é delas e que não precisam estar ali. Então, nos deparamos com a questão que é se sentir contemplado, e quando não se sentem, simplesmente não participam, não apoiam e não ajudam e ainda tem aqueles/as estudantes que ainda falam mal e julgam. Outras pessoas têm receio de chegar perto das atividades organizadas pelo movimento estudantil por vergonha. A heteronormatividade na universidade provoca esse distanciamento de tudo o que está relacionado às questões LGBTQIA+.

Conforme relata Maria:

Acho que a UNILAB ela enfrenta grandes desafios, a gente que estuda sabe, mas a gente consegue coisas muito grandiosas dentro da própria instituição. É um projeto muito massa, embora ainda precise de manutenção, mas eu acho que a gente está bem incisivo, a galera da comunidade LGBT, os movimentos, estão com os pés no chão, sempre reivindicando algum direito, alguma necessidade. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

No dia 28 de junho, que é o dia internacional da luta contra a homofobia por conta da revolta de Stonewall¹⁴, ocorreu um dos eventos mais importantes da comunidade LGBTQIA+ da UNILAB. A Pró-Reitoria de Extensão promoveu junto aos estudantes da UNILAB do Ceará, um evento, no qual, ocuparam o espaço da universidade. Segundo relatos de estudantes desse Campus, o evento foi extremamente interessante, com palestras, debates e atividades com questões acerca do grupo LGBTQIA+.

¹⁴ Clientes do Stonewall Inn, em Nova York, estavam acostumados com batidas policiais em bares gays. Mas, no dia 28 de junho de 1969, eles resistiram, causando uma rebelião que mudou a história. Revolta de Stonewall deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQIAP+.

O Campus da UNILAB no Ceará foi o primeiro a ser construído e conta com uma infraestrutura de campus universitário, diferente do Campus da Bahia, além de possuir um número maior de cursos, professores e estudantes. Talvez por essas questões, é possível observar mais ações voltadas para discussões que abordam temáticas LGBTQIA+ organizadas por parte dos estudantes e da própria instituição. Ações estas, por vezes, realizadas de forma ainda tímida, mas os resultados e as mudanças que vêm acontecendo são visíveis.

3.4 DESAFIOS NA CONVIVÊNCIA DENTRO DA UNIVERSIDADE: SAIR OU NÃO DO “ARMÁRIO”

As convivências dentro da universidade muitas vezes não costumam ser fáceis, e como nos relata o João, as dificuldades e constrangimentos quase sempre existem. Segundo João:

As meninas mesmo, tem algumas que ficam reclamando que deveria ter um banheiro para pessoas trans, ou que pessoas trans deveriam frequentar o banheiro masculino e a UNILAB precisa criar estratégias de diálogo sobre essas questões para que as pessoas entendam e respeitem minimamente. Não sei se a UNILAB oferece tal suporte para essas pessoas porque nunca vi. Então não posso falar que sim e nem que não, o que tinha era no DCE. Quando acontece esses debates ou chega em um ponto extremo assim, algum atrito, os professores costumam abafar o caso, mudam de assunto, cortam o assunto mesmo ou até dá o intervalo e muitos simplesmente não querem se posicionar, são poucos que falam sobre essas questões. (Entrevista, João, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

Esse assunto que o estudante João nos traz aqui dialoga com o que a Ana relata, sobre a dificuldade das pessoas em conviver com as diferenças e, em particular, entre pessoas héteros e LGBTQIA+. Segundo minhas observações e os relatos dos/as entrevistados/as, muitas pessoas heterossexuais não entendem, não conhecem ou não querem estudar sobre o assunto, o que acaba gerando a homofobia, a transfobia, e o preconceito.

Sobre as experiências de homofobia e de sair do “armário”, Maria relata:

Obviamente que em sala de aula existe homofobia, nos corredores, dentro da minha própria comunidade. Quando eu me assumi foi algo que impactou bastante a minha vida porque teve uma época que parei e pensei, meus amigos africanos são todos LGBT: eu só tinha dois amigos africanos, e uma delas se identifica enquanto homem trans mas que está passando por esse processo de se entender e o outro se vê como um homem pansexual mas também é um outro desafio porque ele é um homem africano e parece que ser mulher bissexual é algo mais tolerável do que um homem africano se dizer gay, é bem dicotômico. (...) Tenho pouquíssimos amigos héteros, porque existe uma dificuldade para se conversar, porque você tem que estar constantemente convencendo a pessoa de que você merece viver e ser respeitado, então a nossa existência, ela é muito mais que isso, então é sempre um desafio estabelecer algum diálogo com essa heteronormatividade. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

A estudante Maria tem poucos amigos héteros em razão desses padrões muito fortes criados com base na heteronormatividade e das violências simbólicas com as quais ela convive.

Maria continua:

A gente acaba se relacionando com pessoas que são parecidas com a gente e que de alguma forma vai nos acolher e não ficar forçando algo que só vai dar estresse e a pessoa ficar se sentindo mal, se questionando sobre sua sexualidade, se é isso mesmo, se está fazendo algo errado e isso falo por experiência própria, porque teve um período que eu fiquei me questionando se realmente era isso, se não era só coisa da minha cabeça, se não era capricho, muitas pessoas heteros falavam para mim que era uma fase e que ia passar e que eu só queria experimentar. Então eu estou experimentando até hoje! (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

As diferenças a partir das convivências são bem perceptíveis porque existe um padrão e quando a pessoa não o segue é visto como diferente, estranho ou até anormal. Nos relatos com os/as entrevistados/as, podemos constatar isso. Cito como exemplo emblemático, o que ocorreu durante uma aula no Campus dos Malês, conforme relatou Pedro, na qual um estudante comparou o processo de transição de gênero com o processo da circuncisão feminina em seu país de origem:

Eu já tive vários problemas, não só dentro da UNILAB, como fora dela também, enfim comentários, pensamentos retrógrados mesmo, pessoas que não respeitam mesmo o processo, e muitas vezes prefiro me abster, mas tipo na sala de aula uma coisa que um colega guineense trouxe, ele falou que às vezes a gente queria tanto forçar o pensamento de que é aceitável que pessoas mudem ou se transicionem ou mudar de sexo como falam, como ele colocou mas às vezes não quer aceitar o processo de circuncisão feminino como algumas culturas tem e ele expôs isso na aula, falou assim, vocês não querem aceitar que a gente tire um pedaço da vagina da mulher, então eu era o único do grupo LGBTQIA+, na sala e aí eu questionei e a sala toda foi contra mim fazendo um furdunço assim tipo para eu me calar, aí eu me senti acuado e não tem nada a ver você comparar um processo cultural, com um processo identitário de uma pessoa, entende, não tenho nada contra a circuncisão mas é isso não da para comparar os dois. (Entrevista com Pedro, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

As vivências da/na universidade durante o período de pandemia em que as aulas tornaram-se remotas foram muito difíceis e o distanciamento forçado provocou uma série de questões que vamos observar a partir dos relatos da Ana. Quando ocorreu o retorno às aulas presenciais, ninguém mais voltou o mesmo. Segundo a estudante Ana (20/09/2022), “a UNILAB está totalmente diferente do que era antes da pandemia, até mesmo porque ninguém mais é igual há dois anos do contexto pandêmico, então a convivência está sendo tranquila atualmente”. A Ana relata que vê um determinado respeito em relação a sua pessoa mas que mesmo assim ainda existem alguns grupos de que ainda têm uma certa resistência.

Sobre a experiência de “sair do armário”, seguir com as atividades rotineiras da universidade, e as possíveis impressões dos/as colegas heterossexuais, Maria descreve:

Depois que eu comecei ou vamos dizer depois que eu saí do "armário", percebi muitos olhares curiosos de julgamento, acho que uma pessoa hétero que sai da sua casa e chega na universidade e vai para a sala de aula, para o restaurante universitário e faz suas atividades na biblioteca não vai ser percebida ou recebida com esses olhares, tipo estranhos, equivocados, olhares querendo questionar se realmente aquele é o lugar onde você deveria estar. Acho que as pessoas héteros veem a nossa sexualidade como uma margem para estar sempre de uma forma geral, testando a nossa inteligência ou quanto a gente é merecedor ou não, daquilo que te pertence, de perceber a universidade, ocupar algum lugar, cargo importante, grupo de pesquisa e de provar que você é bom o bastante. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

E quando se é negro, não tem como falar da sexualidade sem pensar nas intersecções de classe, raça e gênero. Os entrevistados relatam isso quando quando abordam sobre suas sexualidades. Como João, que é um homem dissidente sexual, negro e angolano ou a estudante Maria, que é mulher bissexual, negra e são-tomense. João expõe que já não basta ter que passar por questões relacionadas à homofobia, ainda tem que passar também pelo racismo, xenofobia e por preconceitos voltados especificamente por ser um gay angolano ou um africano gay.

De acordo com a estudante Ana,

Quando tem essas demarcações das identidades sempre vai ter conflito. Assim, a minha trajetória na UNILAB, nos últimos anos, em determinado momento, quis me isolar tanto, até porque com a pandemia foi inevitável, você fica isolado de qualquer forma e agora nesse retorno presencial desde o semestre passado continuou acontecendo situações como por exemplo o caso do meu amigo que foi a questão da política do banheiro da UNILAB, e no semestre passado aconteceu algo com um estudante guineense em relação ao uso do banheiro. Se tem uma identidade de gênero específica tem que usar o banheiro específico e outra pessoa foi lá e falou que não, esse banheiro não é pra você frequentar e a pessoa respondeu, eu sei ler e sei perfeitamente qual banheiro utilizar e foi muito importante e gerou uma série de discussões e até no restaurante universitário do Campo do Palmares tinha um cartaz, “não à homofobia, não à transfobia”. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Impedir a pessoa de exercer o seu direito dentro de uma instituição de ensino, que deve ser um espaço para todas, todos e todes, considerando também a vasta diversidade nos aspectos de raça, nacionalidade, língua, identidade de gênero e sexual é vista pelos/as entrevistados/as como algo que deve ser revisto. Nesse sentido, os grupos LGBTs da UNILAB seguem reivindicando e lutando pelos seus direitos a todo momento em prol da visibilidade e do respeito.

Ana relata que:

Todos os espaços são racistas, LGBTfóbicos, transfóbicos, então a instituição ela não está isenta disso. Pelo contrário, queria que estivesse, isso é algo tão pequeno, tão limitante, tão ignorante, preconcebido, esses preconceitos, a gente vive em sociedade e existem diversidades e as indiferenças elas tem que ser os pilares dessa sociedade. Até porque não gosto de discutir a igualdade porque não somos iguais porque isso também é uma maneira de apagar corpos, subjetividades, eu sempre prefiro lutar pelo diferente, pela diferença porque são elas que nos une de certa forma, essas indiferenças. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Os/as entrevistados/as, trazem essa questão da homofobia, no qual tiveram que enfrentar fora da universidade e dentro dela. Como vimos, os relatos tocam em questões relacionadas à exclusão e à dificuldade de trocas e convivência com estudantes heterossexuais. A estudante Maria e os estudantes Pedro e João trazem um pouco mais sobre esse afastamento das pessoas que eram próximas delas. Segundo o João, ele nunca teve problemas diretamente com pessoas heterossexuais, mas percebe-se a diferença de tratamento através dos comportamentos, dos olhares e das fofocas. Já Maria, relata que não tinha nenhuma pessoa hétero tão próxima com quem pudesse contar quando precisasse, ou de ter uma certa intimidade para falar das situações que ela passou.

Segundo o estudante João:

Dentro da universidade podemos ver também esse distanciamento entre os estudantes, cada um com o seu grupo, os que falam com a gente é porque são próximos, são amigos e tudo mais. Mas nem todos vem falar conosco, a gente tem uma bancada aqui de vendas, muitas pessoas nem chegam por ser nós que estamos lá e às vezes enviam terceiros para ir lá, tem um menino que todo tempo passa e vê a gente vendendo, mas ele teve de ir pedir meu contato numa outra pessoa pra poder falar comigo. (Entrevista com João, UNILAB/Malês, 30/09/2022)

Observamos que essas diferenças de tratamento são concretizadas em episódios como esse, narrado por João, mas também por Maria que destaca a questão da exposição da identidade de gênero ou sexual a partir do corpo.

[...] o próprio corpo fala por si mesmo quando você chega em um lugar, seu próprio corpo fala, se comunica com outra pessoa que está olhando para você, não precisa nem você abrir a boca porque seu corpo já está dizendo quem você é, seu jeito, a forma como as pessoas vão te tratar com certeza vai ser diferente das pessoas que tem um padrão de corpo mais no padrão heteronormativo.

A falta de conhecimento e esse padrão heteronormativo, juntamente com o conservadorismo e a ideia de que o “correto” seria a família tradicional, impacta muito na exclusão das pessoas dissidentes sexuais africanas das suas comunidades. Vemos, principalmente nas comunidades africanas, que muitas vezes, as pessoas heterossexuais não

chegam para conversar com pessoas dissidentes sexuais. Maria aborda esse tema a partir da sua convivência no ambiente da UNILAB:

Ninguém nunca chegou até mim para perguntar nada do tipo - Maria, você está ficando com meninas e tal, eram as outras pessoas que ouviam e me contavam e isso me machucava, mas hoje não mais. Acho que trabalhei minha autoestima, mas os comentários que eu ouvia era do tipo: você está ficando com meninas e isso é um desperdício, que eu sou tão linda, então minha vida só vale, só interessa se eu me relacionar de fato com um homem, se eu não for mais bissexual. Não me respeitam e nada mais do que eu faço importa, apenas a minha sexualidade. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

O que Maria nos relata sobre exclusão e ficar falando sobre ela “pelas costas” estão relacionados com a LGBTQIA+fobia, preconceito, discriminação ou até mesmo com o medo de que essas pessoas heterossexuais sejam colocados como parte do grupo LGBTQIA+, por estarem convivendo ou conversando com esse grupo. Os casos de homofobia e ódio das pessoas são bem visíveis dentro da UNILAB, segundo o estudante Pedro (30/09/2022). Pedro relata que

durante a eleição (presidencial), um colega falou que estava “doido” para que o atual presidente ganhasse a eleição para acabar com essa “palhaçada de ideologia de gênero” que estava sendo implantada nas escolas, simplesmente um pensamento de ódio mesmo por parte da pessoa.

Assim como o estudante Pedro de nacionalidade brasileira, natural da cidade de São Francisco do Conde-Bahia, a estudante Ana de nacionalidade brasileira, nascida na cidade de Pacatuba-Ceará expõe que:

Aconteceram casos de homofobia nesse retorno de semestre então é isso que acontece quando tem grupos, têm conflitos, algumas pessoas que têm resistência com essa população específica, o que não deveria acontecer na UNILAB. A UNILAB, ela deveria estar para além desse preconceito tão limitado que não leva a gente a lugar nenhum pelo contrário a gente tem que aprender com as nossas diferenças e que o respeito seja acima de tudo, até fiz uma fala no restaurante universitário sobre isso da questão do banheiro que não aconteceu comigo necessariamente, eu tive o banheiro com qual me identifico de boa nunca ninguém me tirou ou me parou porque eu tenho uma posição mas não que outras pessoas que passam por isso não tenham, a questão não é essa mas que cada experiência é uma experiência específica, como a pessoa utiliza os espaços da universidade, quais são os espaços segregados por gêneros que me impedem de acessar o banheiro então quando eu me pronuncio sobre casos até falei que eu acho que isso é inadmissível isso acontecer na nossa universidade, o respeito deve estar acima de tudo, eu não vou, a gente não vai tolerar, não vamos deixar passar porque isso cabe uma série de questões. Se alguém me impede de ir ao banheiro, ela não está me dizendo somente para mim não usar o banheiro ela está me dizendo também para não acessar a universidade, para eu não estar ali, não sou bem vinda ou outras pessoas não são bem vindas, no caso de homens trans, travestis, pessoas não binárias que este último atualmente a gente vê falar mais sobre a não binaridade, quem não conhece procura saber é uma reivindicação, é uma luta, a gente

também está falando de gênero que é não binário e que as pessoas nos impõe a todo momento, de estar afirmando isso. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Segundo Pedro, ele se deparou com um episódio de violência sutil e ao mesmo tempo impactante, relacionado aos cartazes produzidos e colados no Campus dos Malês pelos/as estudantes, com dizeres como, “Respeita as Minas!”. Em um desses cartazes estava escrito: “Mulheres trans também têm o direito de usar o banheiro feminino”. Esse cartaz, especificamente, estava colado na porta do banheiro feminino e um dia ele apareceu rasgado. No outro dia já não estava mais lá, foi o único cartaz retirado. Justamente um cartaz que falava de um direito mais explícito de um grupo específico. Nenhum outro cartaz foi retirado ou rasgado, isso é muito sutil, mas perceptível e violento. Além do constrangimento porque querendo ou não as mulheres trans elas têm o direito de exporem que precisam usar o banheiro feminino, no qual muitas vezes são forçadas a sair do banheiro ou expulsas e isso dialoga com o que a Ana relata também sobre essas situações que acontecem na UNILAB do Ceará.

3.5 EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DURANTE A FORMAÇÃO NA UNILAB

A estudantes Maria e Ana, atualmente mestranda, relataram sobre suas experiências enquanto professoras durante as suas formações no curso de BIH na UNILAB. Ana teve a sua experiência como professora na cidade de Redenção, Estado do Ceará-Brasil, durante o projeto TRANSformando, no qual, foi bolsista. Já a Maria teve sua experiência como docente contratada no seu país, São Tomé e Príncipe, na cidade de Santo Antônio, na ilha do Príncipe. Nos deparamos com algumas diferenças na forma em que cada uma delas foi tratada e recebida pelos/as estudantes nos seus respectivos contextos sociais. Enquanto a Ana se sentiu super bem em uma escola de ensino médio, a Maria se sentiu incomodada e triste.

Conforme a estudante Ana:

Hoje, eu estava numa escola de ensino médio, e me senti super bem porque não vi os olhares, o estranhamento dos/as alunos/as, e estou apostando nessa nova geração o porque está vindo com muito conhecimento, é isso que eu quero a normalidade, a gente não tem nada de anormal, estamos cansados disso, fere nosso psicológico, fere uma série de campo, assim, da subjetividade a gente já vem ferida, na minha geração quando eu era mais nova até quando eu entrei na escola de ensino médio eu entrei no início da década passada, 2011/2012, então muita coisa mudou. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Voltar à sua antiga escola depois de se formar numa universidade federal foi algo muito bom e especial para ela, assim como foi para os/as seus/suas alunos/a, como foi possível

perceber. Segundo Ana, ela teve contato com alguns alunos LGBTs que ficaram felizes com a presença dela, e isso foi muito positivo, um fato importante que também lhe deixou feliz. Por outro lado, ela explica que essa indiferença existe sim e em todos os espaços, porque se trata de uma estrutura social, e que a luta e a resistência têm que continuar para que mais mudanças aconteçam e todas as pessoas possam enxergá-las normalmente, “porque de anormais o grupo LGBTQIA+ não tem nada”. (Entrevista com Ana, Google Meet, 20/09/2022)

Podemos observar algumas diferenças entre a fala da Ana e os relatos da estudante Maria, da cidade de Santo Antônio, situada no país de São Tomé e Príncipe. É possível notar que o seu país, localizado no continente africano, é ainda mais conservador do que o Brasil e nega com a mais veemência a existência de pessoas dissidentes sexuais. Maria descreveu uma experiência difícil e constrangedora vivida, enquanto professora, na mesma escola que havia estudado em São Tomé e Príncipe.

Quando eu voltei para o meu país, comecei a trabalhar na escola onde estudei e como professora os alunos não me respeitavam por causa das minhas sexualidades. Na primeira aula eu estava apresentando meu currículo bonitinho e na minha cabeça eu ia arrasar como professora porque realmente era a minha primeira experiência, estava super empolgada e uma aluna me perguntou se era verdade que eu era lésbica. Eu tinha acabado de falar do meu currículo completo, belíssimo e das coisas incríveis que tenho feito, as minhas contribuições na ciência, as minhas produções e a aluna queria saber com quem eu durmo, troco afeto. Mas para a sociedade heteronormativa é isso, o que importa é com quem a gente dorme (LGBTQIA+). (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

Para as crianças, o que a Maria fez durante o seu percurso acadêmico pouco importava, simplesmente queriam saber sobre a sua sexualidade/identidade. Ela se sentiu incomodada com aquilo porque pareceu que ela ou qualquer outra pessoa dissidente sexual não pudesse fazer nada de importante relacionado à formação do/a estudante. Para além disso, as pessoas do grupo LGBTQIA+ são vistas como uma ameaça ou responsável pelos males do mundo. Sabemos como essa questão ainda é mais desafiadora nos países do continente africano. Em oposição a essa experiência de Maria, os/as alunos/as da Ana, a abraçou e a recebeu naturalmente, assim como os/as antigos/as professores/as dela que a trataram super bem, depois de muito tempo, e recebendo-a com comentários positivos e relatando também da importância para os/as alunos/as de tê-la na posição de pesquisadora na escola. A interseccionalidade, aqui pautada na orientação sexual e na origem das entrevistadas, nos possibilita uma melhor compreensão sobre diferenças nas desigualdades, opressões, e discriminações vivenciadas por ambas.

Segundo a estudante Maria:

Eu estava lecionando uma disciplina que era Integração Social e aquela disciplina, vamos dizer que é uma piada porque deveria ser uma disciplina que tinha toda uma estrutura de preparar os alunos para o mercado de trabalho e a integração social. Não apenas no mercado de trabalho, deveriam discutir pautas sociais, racismo, relações sociais, cidadania, sexualidade, gênero, mas não tinha nada daquilo. Então o sistema educacional também é um desafio e sinceramente não sei quando vamos superar isso, ainda mais que tem muita dependência da Europa, particularmente com Portugal. Acho que não consigo morar em São Tomé e Príncipe mas tenho uma admiração muito grande pelo lugar onde eu vim, sou apaixonada, tudo que sou até hoje é por causa disso, assim como as relações e as vivências com as pessoas mas a pessoa que sou e me entendo hoje não se adequa mais àquele lugar porque é uma questão de sobrevivência, não vou acabar com minha saúde mental por causa das coisas que faço, por causa das pessoas com quem eu durmo ou troco afeto ou pela pessoa que eu sou. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

O afeto e o carinho são sentimentos genuínos que deveriam ser naturais nos diferentes espaços de educação. Mas não são e muitas vezes esses sentimentos são negados, especialmente, a estudantes negros/as, pobres e ao grupo LGBTQIA+. A escola e a universidade, como vimos, são espaços reprodutores dessas opressões. O currículo escolar onde a Maria deu aula não ensinava sobre essas diversidades sexuais e de gênero. Portanto, os/as alunos/as a enxergavam apenas como uma mulher lésbica. Para eles/as não tinha como ser intelectual e lésbica ao mesmo tempo, ou seja, não tinha como ela gostar de mulher porque é errado e ao mesmo tempo ser inteligente e fazer algo tão incrível como ser professora.

Segundo a estudante Maria:

Existem muitos desafios aos direitos da comunidade LGBT dentro da própria UNILAB e em exemplo disso foi a interferência do presidente (Bolsonaro) quando lançaram o edital para a seleção de pessoas trans em vagas ociosas, impedindo que o edital continuasse, na época teve ocupação, paralisamos as aulas e tudo, mas não deu em nada. A UNILAB acatou as ordens do presidente e até hoje esse edital está anulado, o que é contraditório porque se a gente tem disciplinas que estudam questões de gênero e sexualidade, o mínimo que deveria ter era um edital de inclusão dessas pessoas para que pudessem estudar essas disciplinas. A instituição não fez nada em relação a isso, então ela faz com que a heteronormatividade seja algo considerado padrão, promovendo isso dentro desse espaço, já que não reconhece as diferenças. Em uma outra situação que envolveu uma estudante que por causa da roupa, ao entrar no banheiro feminino, a outra colega falou que ela estava entrando no banheiro errado e houve toda uma comoção, onde as associações se pronunciaram, os estudantes dos países africanos também, juntaram e escreveram uma carta de repúdio para resolver aquela situação e a universidade não fez nada. A UNILAB tem olhos de quem não quer ver e vai continuar ignorando essas questões e isso não é a primeira vez que aconteceu. (Entrevista com Maria, Google Meet, 01/07/2022)

A Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC/MPF) e o Ministério Público do Ceará produziram de forma conjunta a cartilha “O Ministério Público e os direitos de LGBT”, cuja publicação visa contribuir para o avanço da igualdade e do combate à discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros. O

documento traz à tona os direitos da população LGBT, como o uso do nome social, o acesso e permanência na escola, entre outros temas relacionados. Segue trecho deste documento:

Toda pessoa tem o direito de ser reconhecida, em qualquer lugar, como pessoa perante a lei. As pessoas de orientações sexuais e identidades de gênero diversas devem gozar de capacidade jurídica em todos os aspectos da vida. A orientação sexual e identidade de gênero autodefinidas por cada pessoa constituem parte essencial de sua personalidade e um dos aspectos mais básicos de sua autodeterminação, dignidade e liberdade. Nenhuma pessoa deverá ser forçada a se submeter a procedimentos médicos, inclusive cirurgia de mudança de sexo, esterilização ou terapia hormonal, como requisito para o reconhecimento legal de sua identidade de gênero. Nenhum status, como casamento ou status parental, pode ser invocado para evitar o reconhecimento legal da identidade de gênero de uma pessoa. Nenhuma pessoa deve ser submetida a pressões para esconder, reprimir ou negar sua orientação sexual ou identidade de gênero (MPF, 2017, p. 37)

É preciso continuar avançando, principalmente no âmbito jurídico, na criação de leis e políticas públicas, reforçar ainda mais o reconhecimento da pessoa em si em qualquer lugar independentemente da sua identidade sexual ou de gênero. Muitas vezes, os/as professores/as ou pesquisadores que trabalham com essa temática é violentado/a tanto pelos estudantes, colegas, como pelos pais e pela sociedade, então é algo estrutural, e a falta de conhecimento sobre essas questões faz com que essa estrutura continue sendo perversa com o grupo LGBTQIA+. Obviamente, as minorias sempre foram vítimas dessa estrutura, negando o direito ao acesso e/ou permanência em diferentes espaços sociais, como a escola e a universidade. A única ferramenta para esses grupos é a luta e continuar resistindo para que os direitos deles sejam garantidos e respeitados. Destaco ainda a importância de se mapear os grupos de pesquisa e de apoio relacionados a questões LGBTQIA+ dentro da universidade. Esses grupos, conforme a pesquisa demonstrou, oferecem um suporte importante aos casos relacionados à LGBTfobia, transfobia e demais casos de violência dentro do espaço acadêmico, bem como em outros espaços fora dos muros da universidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNILAB pode e deve ser uma referência nacional e internacional sobre as políticas de incentivo de permanência dos/as estudantes LGBTQIA+, grupos esses que tiveram historicamente a sua humanidade negada. A universidade UNILAB pode pensar em criar políticas de acesso a partir da realidade dos seus estudantes, pensando também na população LGBTQIA+ que muitas vezes não têm apoio familiar, precisa trabalhar para sobreviver e,

muitas vezes, acabam se submetendo a condições de trabalho degradantes e violentas. Um passo importante para a criação dessas políticas é levar em consideração a diversidade das realidades sociais dos/as estudantes. Tanto em relação aos países de origem, quanto à origem rural de parte considerável dos/as estudantes que integram a universidade, instalada no interior de dois estados, Bahia e Ceará, com alto número de registro de mortes provocadas por violência contra essa população.

Segundo dados do “Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+” – que reúne organizações da sociedade civil, no Brasil, foram assassinadas mais de 300 pessoas LGBTI+ apenas no ano de 2021. Um ano antes, em 2020, o mesmo Observatório demonstrou em relatório que o Brasil era o país que mais matava pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo. Este relatório também apontava que Salvador, capital da Bahia, era a segunda capital com o maior índice de mortes. Nesse sentido, a universidade deve observar e fazer um trabalho coletivo junto a sua população estudantil, desde a entrada e o acolhimento, até pensar em cursos de extensão e outros componentes que dialoguem com essas temáticas, para além dos cursos de BIH, Ciências Sociais e Pedagogia.

O presente trabalho teve como objetivo central compreender as experiências dos estudantes LGBTQIA+ na UNILAB, suas vivências, experiências e ações levadas a cabo em prol de uma maior visibilidade, inclusão e garantia dos seus direitos dentro dos Campus. As investigações bibliográficas sobre a temática para compreender melhor o conceito da “Pedagogia do Armário” e os desafios enfrentados por pessoas LGBTQIA+ dentro e fora dos ambientes escolares, foram complementadas com as entrevistas realizadas com estudantes da UNILAB e a partir das quais obtive resultados enriquecedores para a pesquisa.

Com as análises dos textos e das entrevistas realizadas pude perceber a diversidade identitária de cada entrevistado/a, pautada nos lugares de origem, nas culturas, na identidade sexual e de gênero, dentre outros aspectos. Apesar das diferenças nos perfis de cada um/a pude perceber a aproximação entre os problemas relatados, sobretudo, nas suas experiências enquanto estudantes da UNILAB. As entrevistas também me permitiram entender as diferentes trajetórias, experiências e os caminhos que cada um/a dos/as entrevistados/as trilharam para estarem atualmente na UNILAB. Todos/as expuseram diversas situações de constrangimentos, preconceitos enfrentados, além das complexidades dos problemas que acontecem nesse espaço educacional, com desafios vividos no cotidiano da vida universitária dentro dos respectivos *Campi* do Ceará e da Bahia.

Nesse contexto, foram encontradas dificuldades para o reconhecimento do nome social e para a integração com estudantes heterossexuais, provocando a exclusão e rejeição por parte

dos/as colegas. Além dos problemas relacionados à utilização do banheiro mais adequado à identidade de gênero do/a estudante trans, não aceita por muitos/as estudantes cis gênero e, normalmente, heterossexual. Através dos resultados obtidos durante as entrevistas, pudemos perceber como são as experiências e as vivências dos/as estudantes na UNILAB, nas quais se evidenciam atitudes de homofobia e de transfobia.

Nessa pesquisa percebemos como as instituições educacionais e seus sujeitos reproduzem formas de discriminação e de opressão aos estudantes LGBTQIA+ ao determinar as formas de como as pessoas devem se vestir, andar, falar, se enquadrar em dados espaços e se colocar perante certas situações de acordo com o gênero e negando o direito a reivindicações políticas voltadas para esses grupos. A heterossexualidade é estruturalmente imposta e também naturalizada como a única forma possível de expressar afetos, sobretudo, de ter a sua sexualidade “aceita” e respeitada em sociedade. É importante lembrar que UNILAB anulou o edital 29/2019 - “Processo seletivo específico para pessoas transgêneras e interssexuais”. Conforme os Aditivos I, II e III, todos os termos do Edital Prograd n.º 29/2019 foram anulados pela Reitoria, negando assim os direitos pelas quais as pessoas transgêneros, intersexuais, binárias e não-binárias lutaram para conseguir.

Eve Kosofsky Sedgwick (1991), em sua obra “A epistemologia do armário”, cita trecho do romance de Marcel Proust (1923) que também dialoga com a presente pesquisa:

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, a mentira sobre o que somos, a quem amamos o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido. (PROUST, A PRISIONEIRA (1923) apud SEDGWICK, 1991, p 21)

Assim, a pesquisa também evidenciou os sentidos e necessidades de se estar nesse “armário” ao performarem a heteronormatividade diante das diferentes violências enfrentadas pelos estudantes LGBTQIA+. Apesar disso, os/as estudantes entrevistados/as chegaram na UNILAB já tendo consciência das suas identidades de gênero e de sexualidade e na universidade passaram a ter novos conhecimentos e experiências relacionados a essas questões. A universidade tem uma diversidade muito vasta de idiomas, como o crioulo de Cabo Verde, da Guiné Bissau, o kimbundu de Angola, o português, entre outras, e também de corporalidades. Inclusive, a UNILAB ajudou a Ana e o Pedro a conhecer inúmeras pessoas de outros países, e

cada um trazendo as suas próprias experiências de vida, ajudando-o/as a perceber e ter uma ótica bem mais ampla do mundo e sobre eles/as mesmos/as.

Deste modo, considero que as instituições escolares precisam ter formações para seus profissionais conhecerem melhor as realidades LGBTQIA+ e fazer com que estes compreendam ou que tenham a noção das diversidades, não apenas como um conceito, mas sim, como algo a ser trabalhado na prática. Dessa forma, fica mais fácil termos um maior cuidado na fala, nos conteúdos trabalhados e no respeito ao próximo. Essa formação e prática podem garantir maiores chances destes/as estudantes levarem para as suas comunidades e espaços de atuação novos valores e conhecimentos.

A definição não é a beleza

Muito menos o corpo

Nasceu poderosx por natureza

Em ti, a riqueza

Tua voz em melodia dispara balas da revolução

Atirando no sistema e toda sua opressão

Fodam o mundo e não o contrário

Façam-no se ajoelhar de tesão

Não se levem pela ambição

Na revolução se revelem, mostrando quem são

Na destruição, destroem o sistema

Na construção, constroem a igualdade, onde não exista o sistema

Conceitos conhecidos não serão problematizados erradamente

Não existe padrão

Tudo está na consciência

Construída na mente sistematicamente

*A não existência de apenas homens e mulheres
Muitos creem que é coisa do Diabo
Mas quem é esse Diabo?
E se apenas quer mostrar que existem outras formas de viver e de amar!?*

*O padrão é sistemático
Tudo culpa do sistema*

*Flores e honras para aquelxs que lutaram e se foram
Apoio, garra e determinação para aquelxs que continuam a luta
Rumo ao respeito e à igualdade.*

Michel Carvalho

REFERÊNCIAS

- AIRES, Luiza. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Universidade Aberta, 2011, 70p. disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 152p. (Feminismos Plurais/coordenação Djamilia Ribeiro)– São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BACKES, Dirce Stein. COLOMÉ, Juliana Silveira. ERDMANN, Rolf Herdmann. LUNARDI, Valéria Lerch. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. Artigo de Revisão. O MUNDO DA SAÚDE, São Paulo: 2011;35(4):438-442.
- BENTO, Berenice. **Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014 pp.(165- 182).
- BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada** / JJ Bola; trad, Rafael Spuldar. - Porto Alegre: Dublinense, 2020. 176 p.; 21 cm.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. MARIGUELA, Márcio. **Cotidiano escolar - emergências e invenção** (orgs) piracicaba: jacintha editores 2007.
- CIDADÃO, Procuradoria Federal dos Direitos do Ministério Público do Estado do Ceará. **O Ministério Público e a Igualdade de Direitos para LGBTI: Conceitos e Legislação**. 2. ed., rev. e atual. Brasília: MPF, 2017.
- CRENSHAW, Kimberle. “A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero”. Brasília: Unifem, 2004.
- COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza - 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2020.
- DA SILVA, Fabiana Ferreira. MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011: CAETANO, Marcio. Masculinidades, androcentrismo e heteronormatividade em experiências escolares, 2016, p 59 – 73.
- Dados estatísticos de crimes contra pessoas LGBT+. Disponível em: [237 LGBT+ morreram vítimas da homotransfobia no Brasil em 2020, revela relatório](#)** acesso em 29/12/2022.
- DA SILVA, Fabiana Ferreira. MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro, 2014, p. 74 – 92.

DAVIS, Angela. **O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição feminina. Mulheres, raça e classe.** São Paulo, 2016.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2º edição - revista e ampliada, Brasília, dezembro de 2012.

ELIAN, Isabella Tymburibá. **A heteronormatividade no ambiente escolar.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. **Pesquisa Qualitativa: Tecnicismos e Superando falsos dualismos.** Contrapontos - volume 3 - n. 3 - p. 393-405 - Itajaí, set./dez. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 1997. Rio de Janeiro: DP & A editora, impresso no Brasil 2006.

GIVIGI, Ana Cristina Nascimento. DORNELLES, Priscila Gomes. (organizadoras). **O Recôncavo Baiano sai do armário: universidade, gênero e sexualidade.** Editora UFRB. Cruz das Almas-Bahia/2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário: a normatividade em ação.** Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p 481-498, jul./dez. 2013.

JUNIOR, José Aelson da Silva. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais.** Belo Horizonte - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2018.

LINS, Beatriz Accioly. MACHADO, Bernardo Fonseca. ESCOURA, Michele. **Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola.** - 1ª ed.- São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard. PELÚCIO, Larissa. **Pedagogia do armário: discursos fora de ordem: sexualidades, saberes e direitos.** JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no ambiente escolar.** 2013, p 277-305.

None On Record. Disponível em: <https://www.noneonrecord.com/about/> - acesso em: 10/01/2023.

PINHO, Raquel. PULCINO, Rachel. **Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT.** Educ. Pesquisa., São Paulo, v.42, n. 3, p 665-680 , jul./set. 2016.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: a prisioneira,** Biblioteca azul, 1923.

SANTOS, Wendel Souza. **Uma reflexão pós crítica sobre corpo, gênero e sexualidade no ambiente educacional.** 2014.

REA, Caterina. PARADIS Clarisse Goulart. AMANCIO, Izzie Madalena Santos. (organizadoras). **Traduzindo a África Queer**, 1ª edição/Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu (28), janeiro junho de 2007: 19-54.

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WARNER, Michael. **Medo de um planeta estranho: política queer e teoria social**. Minneapolis/London: Universidade de Minnesota Press, 1993.